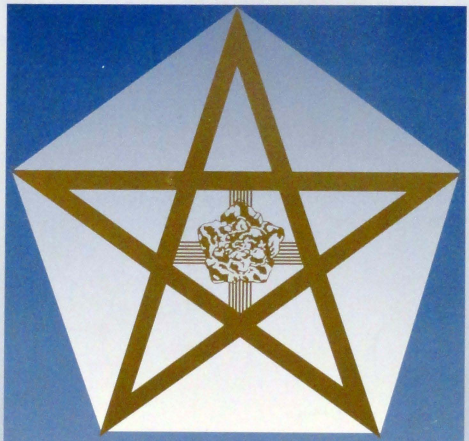
PENTAGRAMA

Revista bimestral do
LECTORIUM ROSICRUCIANUM

Março/Abril 1999 - ano vinte e um nº 2



INTRODUÇÃO

NOVA TRADUÇÃO REVISTA E AUMENTADA DO MAIS ANTIGO MANIFESTO ROSA-CRUZ

O NOVO CHAMADO DA FRATERNIDADE SÉTUPLA DA ROSACRUZ ÁUREA

"Ó DEUS, CRIA EM MIM UM CORAÇÃO PURO".

O LEÃO DO SETENTRIÃO, A ÁGUIA E O ANTICRISTO

A LIBERDADE INTERIOR ADQUIRIDA A PARTIR DE UMA LUTA PROFUNDA

A PROFECIA TORNOU-SE REALIDADE

A ROSA E A CRUZ

A BIBLIOTECA REAL, MEMÓRIA COLETIVA DA HERANÇA NACIONAL HOLANDESA

A INFLUÊNCIA DAS IDÉIAS ROSA-CRUZES SOBRE O DESENVOLVIMENTO DA EUROPA

OS DIREITOS UNIVERSAIS DO HOMEM

O CHAMADO DA ROSA-CRUZ, QUATRO SÉCULOS DE UMA TRADIÇÃO SEMPRE VIVA

PENTAGRAMA

A revista Pentagrama propõe-se a atrair a atenção de seus leitores para a nova era que já se iniciou para o desenvolvimento da humanidade.

O Pentagrama tem sido, através dos tempos, o símbolo do homem renascido, do novo homem. Ele também é o símbolo do universo e de seu eterno devir, por meio do qual o plano de Deus se manifesta.

Entretanto, um símbolo somente tem valor quando se torna realidade. O homem que realiza o Pentagrama em seu microcosmo, em seu próprio pequeno mundo, consegue permanecer no caminho de transfiguração.

A revista Pentagrama convida o leitor a operar esta revolução espiritual em seu próprio interior.

ÍNDICE

2 INTRODUÇÃO

4 NOVA TRADUÇÃO REVISTA E AUMENTADA DO MAIS ANTIGO MANIFESTO ROSA-CRUZ

6 O NOVO CHAMADO DA FRATERNIDADE SÉTUPLA DA ROSACRUZ ÁUREA

10 "Ó DEUS, CRIA EM MIM UM CORAÇÃO PURO"

11 A ROSA E A CRUZ

13 A LIBERDADE INTERIOR ADQUIRIDA A PARTIR DE UMA LUTA PROFUNDA

22 A PROFECIA TORNOU-SE REALIDADE

27 A BIBLIOTECA REAL, MEMÓRIA COLETIVA DA HERANÇA NACIONAL HOLANDESA

35 A INFLUÊNCIA DAS IDÉIAS ROSA-CRUZES SOBRE O DESENVOLVIMENTO DA EUROPA

42 OS DIREITOS UNIVERSAIS DO HOMEM

48 O LEÃO DO SETENTRIÃO, A ÁGUIA E O ANTICRISTO

1999
ANO VINTE E UM
NÚMERO 2

© Stichting Rozekruis Pers. Reprodução proibida sem autorização prévia.

INTRODUÇÃO



No dia 10 de dezembro de 1998, deu-se a inauguração da Exposição "O Chamado da Rosa-Cruz, quatro séculos de uma tradição sempre viva" na Biblioteca Real de Haia, na Holanda, manifestação que provocou grande interesse e atraiu cerca de 2500 visitantes. Organizada pela Biblioteca Real, a Bibliotheca Philosophica Hermetica de Amsterdã e pelo Lectorium Rosicrucianum em Haarlem, ela apresenta um panorama bastante vasto de todas as respostas e reações aos Manifestos Rosa-Cruzes na época de sua edição, no século XVII.

A exposição mostra claramente que estes manuscritos foram divulgados em toda a Europa em muito pouco tempo. Durante quatro séculos, o tema não deixou de atrair a atenção, e inúmeras correntes foram nascendo, como reação a este chamado da Fraternidade. Algumas se baseavam nos *manifestos* rosa-cruzes, outras somente no termo *rosa-cruz*. Ao lado de inúmeros textos rosa-cruzes extremamente interessantes, escritos nos séculos anteriores, foi apresentada uma visão geral dos movimentos rosa-cruzes esotéricos e filosóficos do século XX.

O fato de esta exposição poder se realizar na Biblioteca Real da Holanda e atrair assim um grande interesse mostra que a *Fama Fraternitatis* não perdeu sua força e que trata, ainda hoje, do redirecionamento que está acontecendo nos domínios espiritual e religioso. Esta é a razão pela qual reproduzimos, neste número da revista *Pentagrama*, as alocuções pronunciadas na introdução da inauguração oficial desta exposição. Ficamos felizes de poder publicar as entrevistas do Dr. W. van Drimmelen, bibliotecário da Biblioteca Real, e do Dr. Carlos Gilly, da Bibliotheca Philosophica Hermetica, concedidas a nossos colaboradores.

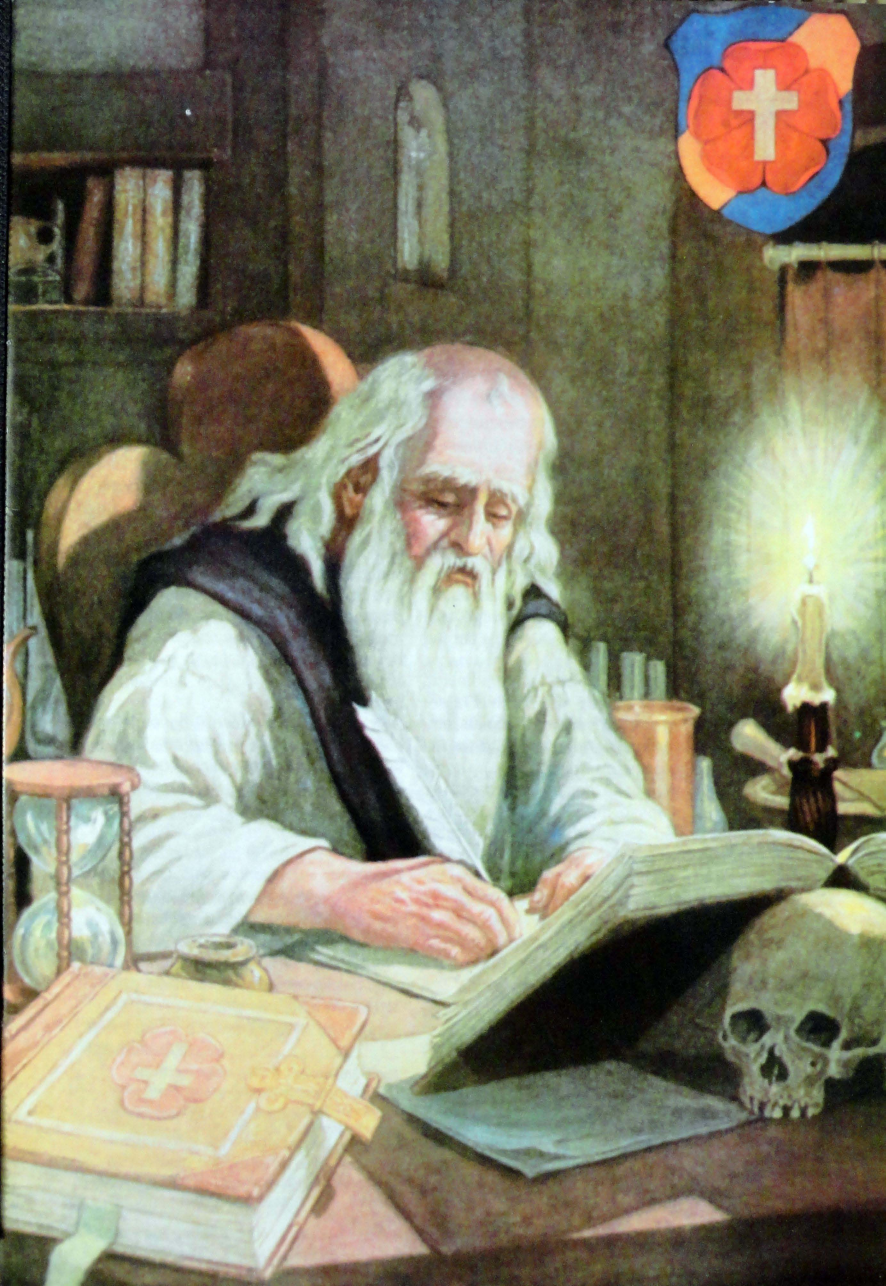
Além disso, tentamos mostrar a ligação que existe entre os manifestos rosa-cruzes do século XVII e a doutrina da Rosacruz Áurea atual, o Lectorium Rosicrucianum. Esta doutrina baseia-se em fontes antigas e transmite a mensagem da *Fama* de forma atualizada. A *Fama* "antiga" e a *Fama* "moderna" têm exatamente o mesmo significado para a Escola Espiritual da Rosacruz Áurea. As duas mostram a necessidade de uma completa revolução espiritual.

O renascimento do homem espiritual está começando a se manifestar em meio à agitação de nossa época. O aniquilamento de tudo o que o ser humano tenta imortalizar artificialmente coloca diante dele problemas quase insolúveis. Os esforços e a dor que pesam sobre ele vão fazendo com que ele fique cada vez mais consciente e fazem com que veja a necessidade de um novo impulso rumo a uma nova consciência, uma consciência da eternidade. A *"Fama"*, o Chamado da Fraternidade, jamais foi um texto pedante, ou uma utopia, mas sim a revelação da necessidade urgente de uma nova espiritualidade. *"Porque"*, como expressa a *Fama*, *"o homem deve, enfim, compreender sua nobreza e sua glória, e por que razão é chamado de microcosmo."*

A exposição da Biblioteca Real deixa realmente claro o que a verdadeira Rosa-Cruz visava e sempre tem em vista. É por isso que falamos a respeito dela e mostramos suas bases.

A Redação

Um irmão da Rosa-Cruz (Manly P. Hall).



Nova tradução revista e aumentada do mais antigo manifesto rosa-cruz

"Intensas pesquisas do Dr. Carlos Gilly, da Bibliotheca Philosophica Hermetica de Amsterdã, permitiram a descoberta de alguns manuscritos anteriores à primeira edição da "Fama Fraternitatis". A partir destes manuscritos, pareceu que na primeira edição impressa diversas frases tinham sido omitidas, lidas de modo incorreto e/ou mal construídas."

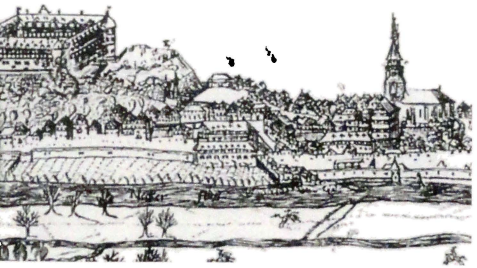
(P. van der Kooij, 1º de fevereiro de 1996)

Em 1610, já circulava uma primeira cópia documentada da *Fama Fraternitis*. Em 1613, surgiram cópias em Kassell, Marburg, Augsburg, Strasburg, Plötzkau e até em Praga.

A comparação destas cópias com o texto impresso mais tarde mostra que ainda não se tratava de uma versão autorizada. A fim de se manterem o mais próximo possível do texto original e de se desvencilharem dos múltiplos erros e mudanças arbitrárias, o Dr. Carlos Gilly e Pleun van der Kooij estabeleceram a lista de diferenças e fizeram uma nova tradução, preenchendo os hiatos, esclarecendo as noções vagas e integrando os novos conceitos.

"Quando houver uma próxima reedição da Fama Fraternitais *(o Chamado da Fraternidade) os erros introduzidos em nosso texto (ou seja, no texto divulgado em 1933 pela Rozekruis Pers, em Haarlem, na Holanda) serão, é claro, corrigidos, o que tornará o texto mais compreensível em certos trechos. É por isso que incorporei as correções que dizem respeito ao texto da* Fama *e ao mesmo tempo utilizei a possibilidade de rever a tradução existente, que trazia ainda diversos traços de sua origem inglesa."*

A renovação do texto é baseada na edição alemã de 1614. Por esta razão, caiu o prefácio da edição de 1615. Pleun van der Kooij termina sua carta com esta observação: *"Para ser extremamente completo, devo ainda dizer que, mesmo depois da feliz descoberta de alguns manuscritos pelo Dr. Carlos Gilly, a última palavra sobre o texto da* Fama *ainda não foi dita. De fato, o texto original ainda não foi encontrado, infelizmente, o que não nos permite resolver algumas imprecisões que ainda escorregam no texto revisado."*



Fama Fraternitatis, o mais antigo manifesto da Fraternidade da Rosa-Cruz, adaptada por Pleun van der Kooij a partir de manuscritos encontrados. Com uma introdução a respeito da origem e da história dos manifestos dos rosa-cruzes pelo Dr. Carlos Gilly, Rozekruis Pers, Haarlem, Holanda (em holandês e alemão).

FAMA FRATERNITATIS ODER BRUDERSCHAFT DES HOCHOLÖBLICHEN ORDENS DES ROSEN CREUTZES:

An die häupter, Stände und Gelehrten Europae.

Wir die Brüder der Fraternitet deß R.C. entbieten allen und jeden, so diese unsere famam Christlicher Meinung lesen, unsern Gruß, liebe und Gebett.

Nachdem der allein weyse und gnädige Gott in den letzten Tagen sein Gnad und Güte so reichlich über das Menschliche Geschlecht außgossen, daß sich die Erkantnuß, beydes seines Sohns und der Natur, je mehr und mehr erweitert, und wir uns billich einer glückseligen Zeit rühmen mögen, daher Er dann nicht allein fast das halbe theil der unbekandten und verborgenen Welt erfunden, viel wunderliche und zuvor nie geschehene Werck und Geschöpff der Natur uns zuführen, und dann hocherleuchtete Ingenia auffstehen lassen, die zum theil die verunreinigte unvollkommene Kunst wieder zu recht brachten, damit doch endlich der Mench seinen Adel und Herrlichkeit verstünde, welcher gestalt der Microcosmos, und wie weit sich sein Kunst in der Natur erstrekket.

FAMA FRATERNITATIS OU UM CHAMADO DA FRATERNIDADE DA ORDEM MUI VENERÁVEL DA ROSA-CRUZ.

Aos chefes de Estado, governantes e sábios da Europa.

Nós, irmãos da Fraternidade da Rosa-Cruz, oferecemos a todos os que lêem nossa *Fama* com disposição cristã, nossa saudação, nosso amor e nossa prece.

Depois de, nestes últimos tempos, ter o único Deus sábio e misericordioso tão abundantemente espalhado sua graça e sua bondade sobre o gênero humano, de o conhecimento, tanto de seu filho como da natureza ter sido cada vez mais e mais aprofundado, podemos, de bom grado, falar de um tempo feliz no qual ele não somente nos fez descobrir a metade do mundo desconhecido e oculto e nos mostrou inúmeras e maravilhosas obras e criaturas da natureza jamais vistas antes, mas, além disso, fez surgir Inteligências profundamente esclarecidas e dotadas de sabedoria, que em parte restabeleceram a arte degenerada e imperfeita, a fim de que o homem acabe tendo consciência de sua nobreza e de sua glória, em que consiste a natureza do microcosmo e qual é a extensão de sua arte na natureza.



Tübingen, por volta de 1600. Johann Valentin Andreae, autor da *Fama Fraternitatis.*

O Novo Chamado da Fraternidade Sétupla da Rosacruz Áurea

Esta nova Fama Fraternitatis *foi transmitida em meados do século XX, nos dias 3 e 4 de setembro de 1952, em Wiesbaden, por Jan van Rijckenborgh:*

Da Holanda, aqui viemos, da sede central da Fraternidade Mundial Sétupla da Rosacruz áurea, na Europa Ocidental, para dar-vos a conhecer o Chamado da Fraternidade, uma nova *"Fama Fraternitatis"*, que hoje se dirige a todos aqueles que podem compreendê-la. Ela marca um momento crucial para toda a humanidade! Estas palavras não partem de algum grupo sectário, isolado, mas referem-se a uma guinada inevitável no curso mundial, em que estão implicados todos os homens, de todos os países e de todas as raças.

A Fraternidade da Rosacruz Áurea ama profundamente a humanidade e deseja servir inteiramente a todos os que o queiram, sem exceção. Ela não confere nenhuma iniciação nem outorga privilégios a uns poucos eleitos. Ela é para todos, perfeitamente objetiva e sem preconceito de raça ou nação, não tem opinião nem ambição de praticar agitação política, social ou econômica. Em seu desejo de servir a humanidade, ela não se interessa pela ordem mundial dialética comum. Ela se consagra à pátria original do gênero humano, o Reino Imutável, que não é deste mundo.

A moderna *Fama Fraternitatis*, o chamado que vos é lançado hoje, não propõe uma idéia a mais, entre todas as outras idéias. De que serviria acrescentar mais uma! Seria o mesmo que derramar uma gota de água no oceano.

Há um campo de radiação eletromagnética que mantém o funcionamento da vida do mundo comum . E há um outro que emana de um universo diferente deste que conhecemos. Este campo de radiação ainda desconhecido está começando a se manifestar para a humanidade e lhe propõe um novo processo de desenvolvimento.

É sobre este fato que se baseia a nova *Fama Fraternitatis*. Portanto, não estamos vos oferecendo nenhuma idéia original, nenhuma outra oportunidade para especulação, mas vos anunciamos uma nova fase na evolução da humanidade, sobre a qual precisamos refletir. Não se trata de um processo de desenvolvimento para dez ou vinte anos, de tal modo que muitos poderiam atribuir à *Fama Fraternitatis* todos os prognósticos existentes. Não: trata-se aqui de um processo que já começou e diz respeito a vós.

Os sinais dos tempos

Nossa nova *Fama Fraternitatis* aparece em um momento em que podeis constatá-la na realidade. A partir daí, compreendereis os sinais dos tempos. Então, podereis tomar a decisão acertada e adotar o comportamento adequado. O objetivo de nossa *Fama Fraternitatis* é o de vos colocar do lado bom deste novo processo de desenvolvimento: vós todos e todos os que virão depois. Muitos já escolheram este lado



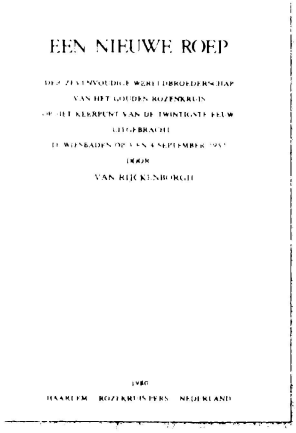
Um Novo Chamado da Fraternidade Mundial Sétupla da Rosacruz Áurea na virada do século XX, lançado em Wiesbaden, em 3 e 4 de setembro de 1952 por J. van Rijckenborgh (Rozekruis Pers,1980).

e outros o farão, se captarem e compreenderem nossa *Fama Fraternitatis*.

O que é a Fraternidade? É a união de todos os que querem o bem, a comunidade dos filhos de Deus. Todos os que, graças à receptividade da rosa-do-coração, participam do novo campo de radiação que se manifesta atualmente são admitidos na corrente da Fraternidade. A força desta ligação é determinada por eles mesmos, por seu próprio estado de ser. E ninguém poderá se opor a sua admissão na Fraternidade senão eles mesmos.

Agora que conheceis o objetivo deste novo chamado, é preciso explicar sua natureza. Como este objetivo é fazer com que todos os que têm vontade e capacidade tomem a decisão de adotar diretamente um novo comportamento, a natureza deste chamado é a de fornecer os esclarecimentos sobre o "porquê" o "como". Devemos compreender sua mensagem para saber o que está se passando e o que virá.

Há um campo eletromagnético da Fraternidade Universal. Alguns já aprenderam a reagir a ele graças à rosa-do-coração. Estas pessoas vivem em todas as partes de nosso mundo: nós as encontramos em todos os países. Elas aprenderam a reagir ao campo eletromagnético da Fraternidade. Como todo campo eletromagnético, o da Fraternidade também tem um pólo positivo e um pólo negativo, uma ação atrativa e uma ação repulsiva, que seguem leis cósmicas. As pessoas que reagem às ações eletromagnéticas da Fraternidade têm todas as características da dualidade. Com uma parte de seu ser, elas reagem ao mundo dialético, por uma necessidade vital. Com a outra parte, reagem à natureza original, também por instinto vital. Quando o proto-átomo, no alto do ventrículo direito do coração é tocado pelos raios eletromagnéticos da Fraternidade Universal, e mostra-se receptivo, esta nova atividade magnética opera em toda a extensão do sistema vital. Neste tipo de pessoa, há duas atividades magnéticas a serem distingui-


EEN NIEUWE ROEP

VAN RIJCKENBORGH

ROZEKRUIS PERS - HAARLEM - NEDERLAND

das: a primeira é a atividade magnética deste mundo; a segunda, é a atividade magnética da Fraternidade Universal. É evidente que estas pessoas vão passar por incessantes transformações. As influências do primeiro campo vão diminuir, e a do segundo vão aumentar, incessantemente.

A tendência que leva à natureza dialética diminui

Podemos comparar este processo com uma viagem de uma região a outra. João Batista diz: "Eu devo diminuir, e ele deve crescer". O mesmo acontece com o homem que se entrega a este novo campo magnético. Seu interesse e suas inclinações para a natureza dialética diminuem, enquanto vai aumentando, sem parar, seu anseio pelo Reino Imutável e por sua glória interior. À medida que o processo se desenvolve, mais e mais poderes eletromagnéticos inerentes à nova vida vão se manifestando. É que, na verdade, o ser também irradia o que recebe e possui.

Quem, à luz deste processo que conduz à nova vida, se decide e entra pela porta da rosa-do-coração, passará por uma transformação biológica em razão do toque da nova força. Esta transformação surge primeiro no sangue, depois em todos os órgãos e em todos os veículos da personalidade. Estas transformações representam o início da transfiguração. Todos os que se reúnem a este novo grupo mostram estas características. Eles se transformam estruturalmente e assumem a transfiguração. A nova força eletromagnética que está chegando ao nosso mundo não se explica por esta natureza dialética. Este fluido da nova vida invade o sistema do ser humano desde que este ofereça abertura a ele, de maneira correta. Ele vai aumentando, até se tornar uma grande corrente, quando se trata de muitas pessoas. Assim, forma-se uma nova atmosfera, que acabará envolvendo e penetrando toda a terra.

Como aprender a viver em harmonia com esta nova atmosfera? Nós respondemos: "Pela alquimia dos rosa-cruzes áureos! Nós vos oferecemos o conhecimento desta alquimia de todo o nosso coração, desinteressadamente."

Uma alquimia exclusivamente transfigurística

Os rosa-cruzes sempre foram alquimistas. Mas sempre houve duas espécies de alquimia: a alquimia dialética e a alquimia transfigurística. A alquimia dialética é praticada pelos ocultistas. É por isso que há muitos neste mundo que se dizem rosa-cruzes, mas são ocultistas. A proposta que nós vos fazemos diz respeito exclusivamente à alquimia transfigurística.Para praticar a alquimia dialética, é inútil juntar-se a nós.

A alquimia dos rosa-cruzes é baseada em uma transformação do sangue no sentido mais amplo da palavra: esta transformação diz respeito ao fogo serpentino, ao fluido nervoso e ao sangue, enquanto líquido. Este tríplice sangue forma a base de nossa vida: é o nosso eu, nossa consciência, nossa alma. Todo nosso passado, nosso *karma*, nosso caráter estão baseados no sangue. O sangue tríplice é o núcleo, a alma do microcosmo. Todas as forças magnéticas com suas influências se manifestam no sangue e aí inscrevem suas conseqüências implícitas. É por isso que a alquimia transfigurística está fundamentada na transformação do sangue. A alquimia dialética, por sua vez, é uma cultura do sangue, do fluido nervoso e dos órgãos associados; o resultado é um ser de personalidade muito forte,

muito centrado em si mesmo, alguém que afirma: "Eu posso tudo, eu sou tudo, eu sou um super homem, eu sou um deus."

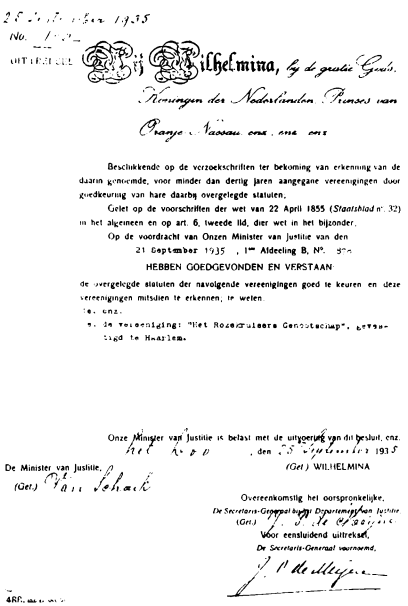
A alquimia transfigurística começa pelo aniquilamento do eu. A base sobre a qual repousa a alquimia oculta não pode deixar de ser totalmente atacada pela alquimia transfigurística. A Fraternidade não coloca o eu à frente do processo de transformação e jamais se liga ao eu.

A rendição do eu é essencial

Quem estuda a Doutrina Universal de todos os tempos descobre a evidência de que o fato de renunciar ao eu é extremamente claro. Lao Tsé evoca uma renúncia deste tipo falando do não-fazer e do não-ser. *"Esta é a chave do Tao"* diz ele. Buda ensina que é preciso não ter nenhuma amarra, que é preciso neutralizar totalmente o eu. Cristo declara: *"Quem perder sua vida por minha causa, encontrá-la-á."* Os cátaros apresentavam a necessidade da *endura*, que era a morte do eu. Christian Rosenkreuz faz a mesma coisa nas *"Núpcias Alquímicas"*: os cavaleiros da Pedra áurea renunciam completamente ao seu eu — eles o oferecem à Gnosis. Assim, parece que o que vos propomos não é nada novo. A alquimia transfigurística não é, absolutamente, um processo que se desenvolve com o eu. Ele deve começar com a rendição do eu.

Para terminar, queremos dizer — se isto ainda for um problema para vós — que deveis compreender bem o significado das palavras: *"Quem perder sua vida por minha causa, encontrá-la-á"*. Quem pratica a rendição do eu de maneira correta, experimentará uma gradual transição da consciência do antigo eu para o novo eu. A velha alma submergirá, enquanto ao mesmo tempo, sem qualquer vácuo de consciência, uma nova alma ressurgirá.

Possa nossa nova *Fama* ser compreendida a partir de seu verdadeiro significado!



Wilhelmina, bij de gratie Gods, Koningen der Nederlanden, Prinses van Oranje-Nassau, enz. enz. enz.

Beschikkende op de verzoekschriften ter bekoming van erkenning van de daarin genoemde, voor minder dan dertig jaren aangegane vereenigingen door goedkeuring van hare daarbij overgelegde statuten;

Gelet op de voorschriften der wet van 22 April 1855 (*Staatsblad* n°. 32) in het algemeen en op art. 6, tweede lid, dier wet in het bijzonder;

Op de voordracht van Onzen Minister van Justitie van den 21 September 1935, 1ste Afdeeling B, N°. 3[illegible];

HEBBEN GOEDGEVONDEN EN VERSTAAN:

de overgelegde statuten der navolgende vereenigingen goed te keuren en deze vereenigingen mitsdien te erkennen, te weten:

[illegible], enz.

n. de Vereeniging: "Het Rozekruisers Genootschap", gevestigd te Haarlem.

Onze Minister van Justitie is belast met de uitvoering van dit besluit, enz.

Het Loo, den 28 September 1935

(Get.) WILHELMINA

De Minister van Justitie,

(Get.) [illegible]

Overeenkomstig het oorspronkelijke.

De Secretaris-Generaal van het Departement van Justitie,

(Get.) [illegible]

Voor eensluidend uittreksel,

De Secretaris-Generaal voornoemd,

[illegible]

A "Sociedade Rosacruz" em Haarlem foi reconhecida e homologada como associação a 25 de setembro de 1935 por decisão real. O ato foi assinado pela Rainha Wilhelmina no Palácio Real.

Jan van Rijckenborgh

"Ó Deus, cria em mim um coração puro"

(Texto extraído de uma alocução de Catharose de Petri)

"Certamente sabeis que são inúmeras as atividades que partem do centro da alma. Deveis ver, pois, este centro da alma como sendo ao mesmo tempo o centro do santuário da cabeça e do santuário do coração. Este centro da alma vivifica, de um lado, a vontade e o pensamento; de outro, as ambições e os desejos."



Catharose de Petri e Jan van Rijckenborgh no jardim do Centro de Conferências de Renova.

Vontade, pensamentos, ambições e desejos desempenham, quase sempre, um papel destruidor em nossa vida. Quando tomamos consciência do caos da vida sentimental dentro de nós, sabemos que nosso coração é impuro. E, como ele é a porta de entrada da Gnosis em nosso sistema vital, sabemos também que sua purificação deve ser nosso primeiro esforço. Quanto mais puro é nosso coração, mais clara e mais distinta é a voz da Gnosis que chama. A pureza do coração é uma condição absoluta.

A pureza de nossos desejos,
a pureza de nossos propósitos,
a pureza de nossa fé, de nossa esperança, de nosso amor,
são para nós exigências capitais.

E todos podem começar por aí, mesmo que tenham apenas dado um passo hesitante no caminho. É a rosa-do-coração que torna isto possível, pois esta rosa não é somente sensível aos impulsos gnósticos que vêm do exterior, mas também aos gritos de aflição do centro de nossa alma. Quando a consciência está aflita e suspira por libertação, a rosa sente como que um choque magnético. Ela transmite para o esterno o eco deste grito de aflição. E a força da rosa vai abrindo para si mesma uma passagem no santuário do coração. Esta é a primeira resposta da Gnosis que nos chega por meio da rosa.

Neste momento, todos os filhos do homem devem dar seqüência à sua construção e começar, antes de qualquer coisa, a seguir sua tendência para a purificação do coração, pois com esta

Desde a mais tenra idade Catharose de Petri tinha consciência de sua missão. Em 1930, ela aceitou a tarefa de ser guia espiritual da Escola Espiritual da Rosacruz áurea com Z. W. Leene e Jan van Rijckenborgh.

Ela se consagrou inteiramente à obra espiritual da Fraternidade Universal de Cristo a serviço do mundo e da humanidade. Ela transmitiu sua mensagem a todos os que quiseram ouvir e mostrou-lhes o objetivo da vida: a libertação da alma imortal que conduz à transfiguração. Seu lema era o dos rosa-cruzes: "Servir aos outros esquecendo-se de si mesmo é o caminho mais alegre e seguro que conduz a Deus."

purificação nós sempre abrimos amplamente nosso sistema ao processo de salvação. É por isso que todas as escrituras sagradas insistem tanto para que haja esta purificação e a cura do coração. "Ó Deus, cria em mim um coração puro" é o grito de uma alma que aspira verdadeiramente e compreende: a muralha dos desejos egocêntricos deve ser derrubada.

Quem sempre coloca em prática este método de purificação, sem jamais estar satisfeito consigo mesmo, sentirá as conseqüências libertadoras em sua vida como um todo. Assim, este primeiro passo no caminho é ao mesmo tempo o testemunho e a aplicação da vida indispensável: a vida que segue o Sermão da Montanha.

"Bem-aventurados os puros de coração, porque eles verão a Deus".

Catharose de Petri

A Rosa e a Cruz

Novamente colocamos perante vossa consciência a imagem da rosa estilizada como símbolo do setenário cósmico, do verdadeiro e divino planeta terra. Com isso, não deveis pensar nos sete planetas de nosso sistema solar nem nas várias esferas de nosso campo de vida, mas deveis ver apenas uma indicação da sagrada terra divina, conforme ela era anteriormente e é até este momento. Referimo-nos a um sistema que pode ser melhor definido como um sistema de sete esferas, umas girando dentro das outras, e possuindo um centro comum.

É compreensível que os antigos tenham escolhido uma flor, uma rosa pura, um lírio ou um lótus, para dar uma bela imagem dessa eterna e divina realidade. Às vezes vemos uma flor ou então uma grinalda de sete flores corporificando sempre a mesma idéia: a divina terra sétupla, devindo e existindo eternamente da causa primeva do universo.

Assim como é a verdadeira terra, também deve ser o verdadeiro homem. Eis por que a flor sagrada indica tanto o macrocosmo como o microcosmo. Para o microcosmo decaído alçar-se novamente ao estado original, ele deve lutar e vivenciar dois processos, trilhar dois caminhos. Um caminho de despedida, de aniquilamento, de morte endurística total, representado por uma haste horizontal, e um caminho de ascensão, de renovação , de renascimento, de transfiguração, representado por uma haste

vertical. Assim, a flor, a rosa, terá de formar uma unidade irrevogável com a cruz.

O pé da haste vertical da cruz está implantado nas escuras profundezas da terra para demonstrar o fato glorioso de que a senda da transfiguração realmente pode ser iniciada aqui, no mundo dos opostos e das mudanças, do "subir, brilhar, descer". A haste horizontal da cruz, o caminho do aniquilamento da natureza, não tem ligação direta com o fundamento natural da dialética, uma vez que essa despedida é totalmente contrária à natureza, sendo encarada como loucura. Entretanto, o que é perfeita loucura, de acordo com os padrões de raciocínio natural comum, vem a ser sabedoria divina quando trilhamos o caminho da endura.

Nossas mãos são, sobretudo, os instrumentos diretos da ação. Quando o candidato aos mistérios de Cristo segue o caminho da *endura*, sua atividade dialética natural é progressivamente interrompida; suas mãos são cravadas à cruz. Seus pés já não podem continuar a trilhar os caminhos habituais. Eles desejam seguir a nova senda, a senda vertical de ascensão, de elevação. Destarte, segundo a antiga natureza, seus pés são igualmente cravados no madeiro.

E no coração da cruz, que o candidato erigiu em si mesmo, uma flor desabrochará, a flor maravilhosa, "a jóia preciosa no lótus", isto é, o átomo-centelha-do-espírito, um dos menores átomos, inimaginavelmente pequeno, tal qual o embrião da planta completa, do inteiro devir, presente em potencial, inimaginavelmente pequeno, na semente da flor. E o candidato jubila: *"ó preciosa jóia no lótus; ó rosa que desabrocha na cruz; Elói, Elói, lama sabachtani!"* (ó Elohim, como me glorificastes!). E, por fim, soa o clamor da libertação: *"Consummatum Est"* (Está consumado)!"

Jan van Rijckenborgh

* *Extraído de O Advento do Novo Homem, Jan van Rijckenborgh, 2a. edição, 1988, Lectorium Rosicrucianum,S.P.*

A LIBERDADE INTERIOR ADQUIRIDA A PARTIR DE UMA LUTA PROFUNDA

Alocução de J. R. Ritman, fundador da Biblioteca Philosophica Hermetica

Achamos que foi um privilégio especial poder associar a celebração dos 200 anos da Biblioteca Real de Haia, na Holanda, e a exposição histórica "O Chamado da Rosa-Cruz", chamado que ressoa por ocasião dos 75 anos da Escola da Rosacruz Áurea.

Somos particularmente gratos ao senhor van Drimmelen e a sua equipe por terem aberto as portas da Biblioteca Real para dar a oportunidade ao Lectorium Rosicrucianum de trazer, hoje, em plena luz, o *"Chamado da Rosa-Cruz"*. Esta exposição surge quando, mais do que nunca, é lançado um chamado à consciência de uma sociedade de consumo em que a rejeição dos valores fundamentais parece ser geral.

Foi em 24 de agosto de 1924, na rua Bakessenergracht número 13, em Haarlem, na Holanda, que os fundadores da Escola da Rosacruz Áurea, os irmãos Jan e Wim Leene, começaram sua busca do testamento espiritual da Fraternidade da Rosa-Cruz. Os manifestos rosa-cruzes haviam surgido há 300 anos: *Fama Fraternitatis Rosae Crucis* (O Chamado da Fraternidade da Rosa-Cruz), *Confessio Fraternitatis* (O Testemunho da Fraternidade) e *Chymische Hochzeit des Christian Rosencreutz* (As Núpcias Alquímicas de Christian Rosenkreuz), respectivamente nos anos de 1614, 1615 e 1616.

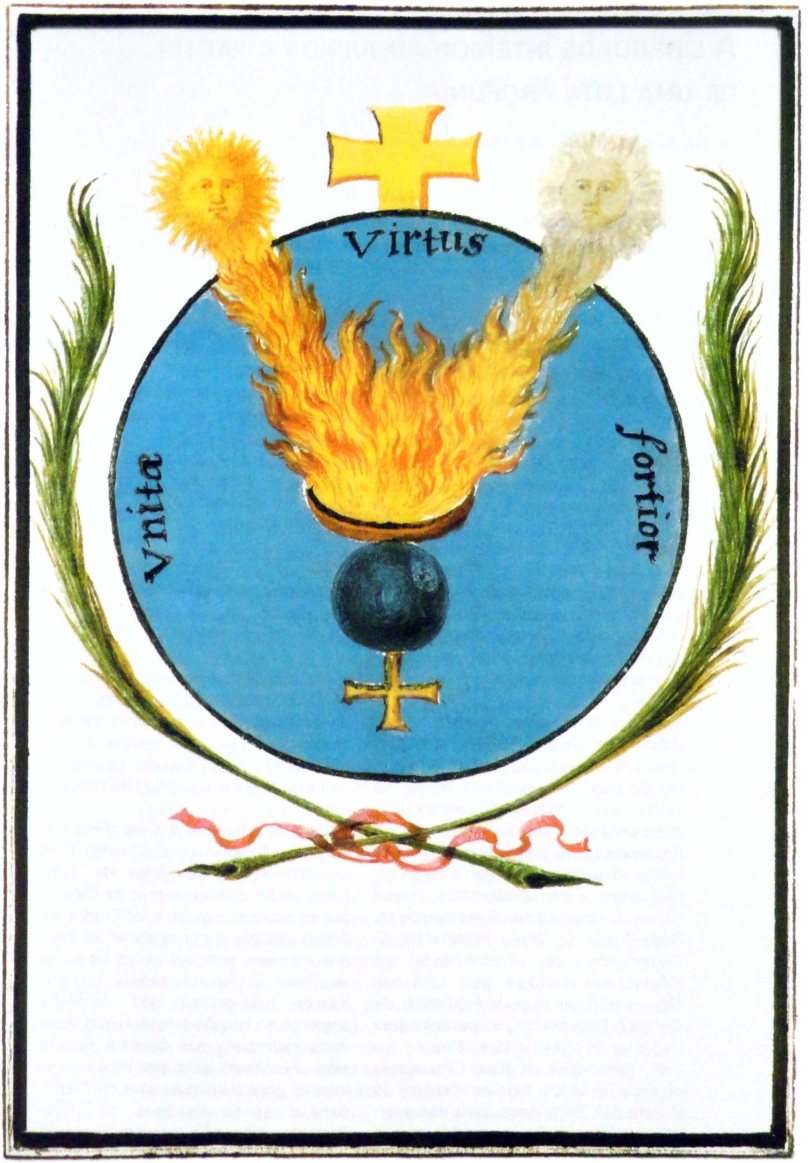
A Fraternidade da Rosa-Cruz surgiu no início do século XVII, às vésperas da Guerra dos Trinta Anos, uma das guerras religiosas mais sangrentas que a Europa conheceu. Os representantes da Reforma, discípulos de Lutero e de Calvino, voltaram-se contra o poder monárquico dos Habsburgos que, fortemente ligados à Igreja de Roma, lutaram com todo o seu poderio para conservar sua autoridade sobre a Igreja e sobre o Estado.

Não foi por acaso que Johann Valentin Andreae — que fez surgir os manifestos rosa-cruzes, em estreita colaboração com Tobias Hess, que o inspirou — fosse neto de Jacob Andreae, um dos mais próximos colaboradores de Lutero.

A Reforma não havia ido longe o bastante

Os manifestos rosa-cruzes correspondiam, neste tempo, à necessidade de um novo ideal social, um ideal que muitos dos príncipes europeus contemporâneos, na Holanda, na Alemanha e na França, apoiaram de todo coração.

Para os redatores dos manifestos, a Reforma não havia ido muito longe. Eles reprovavam os discípulos de João Huss, de Martinho Lutero e de Calvino por se manterem muito imobilizados na antiga situação e por ainda se aproveitarem demais dos *"caldeirões de carne do Egito"*. O elemento radical dos primeiros rosa-cruzes não consistia somente no fato de defenderem a liberdade individual, mas também porque eles chamavam para um cristianismo interno, para a imitação viva de Cristo, para a senda iniciática da alma. Portanto, eles não lutavam somente


Virtus
Vnita
fortior

pela libertação do indivíduo e pela liberdade intelectual, mas, em primeiro lugar, pela liberdade da alma vivente, presente em todos, no imo do ser interior, como o vivo batimento do coração: sim, a pulsação oculta do coração em cada um de nós.

A renovação interior

Para eles, a senda da experiência cristã não era um culto exterior, mas um ato espiritual vivo que deveria mudar radicalmente a consciência. É por isso que *Fama Fraternitatis* fala de uma Fraternidade cristã centrada em aspectos da sabedoria de toda a humanidade desde suas origens — sabedoria que esta Fraternidade penetra e sonda em profundidade. Citamos: *" Após o único Deus sábio e misericordioso ter difundido, nos últimos tempos, com tanta profusão, sua graça e sua bondade sobre o gênero humano, a fim de que se aprofunde mais ainda tanto o conhecimento de seu Filho como o da Natureza, podemos, com razão, falar a respeito de um tempo feliz, em que não apenas nos foi revelado e nos foi dado descobrir a metade do mundo desconhecido e oculto, mostrando-nos também inúmeras obras e criaturas prodigiosas da natureza, jamais vistas, mas também fez surgir Inteligências profundamente esclarecidas que, em parte, restabeleceram as artes corrompidas e imperfeitas a fim de que o homem compreenda sua nobreza e sua glória e perceba a razão pela qual é chamado de 'microcosmo' assim como toda a extensão de sua arte na Natureza."*

É por isso que Tobias Hess, aquele que inspirou os manifestos, fala de um terceiro período da humanidade, aquele em que o Espírito Santo deve renovar o cristianismo interior.

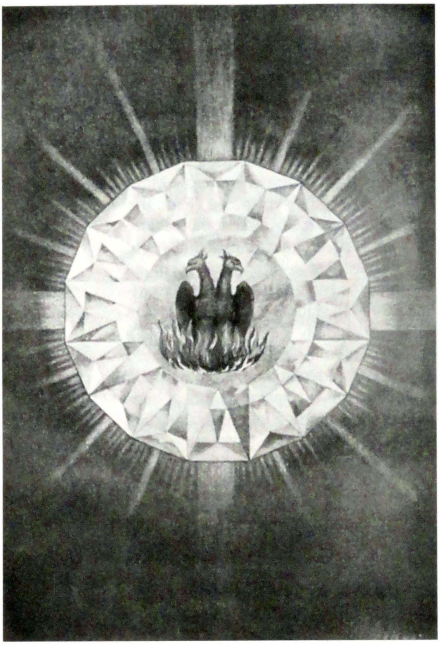
Os direitos aos quais nos agarramos hoje, como a liberdade de religião, a separação da Igreja e do Estado, a liberdade da imprensa, a liberdade de opinião, que consideramos como aquisições, ainda tinham de ser conquistados com uma luta profunda contra o poder desta época. O príncipe Guilherme de Orange, Marnix de Sainte Aldegonde, os condes Egmond e Horn, o estrategista príncipe Maurício, o enérgico príncipe Frederic Hendrick e muitos outros combateram, com eles, pela liberdade do indivíduo. Eles romperam a submissão com as autoridades romanas, que era generalizada, nesta época, na Europa. Se os Orangistas não tivessem arriscado suas vidas e seus bens — lutando pela liberdade religiosa, que permitiu conceber na Europa uma nova imagem da sociedade e instaurar um novo clima social, graças à Reforma — nós não teríamos sido convidados para estarmos aqui, hoje, nesta Biblioteca Real.

Uma terra que alimentou o pensamento espiritual

Depois da queda de Anvers, em 1585, começou um grande êxodo rumo a Amsterdã, Leyde e Haarlem, onde reinava a liberdade de religião e de imprensa. Destas cidades, um fluxo de literatura espiritual espalhou-se pela Holanda, terra que alimentou espiritualistas como os rosa-cruzes, os humanistas, os luteranos, os calvinistas, os remontrantes (partidários de Arminius) e os contra-remontrantes. Eles fixaram suas idéias diferentes em seus textos e os divulgaram com o exemplo de suas vidas.

A herança do Renascimento, e o humanismo que decorreu dele, a Reforma e o protestantismo que se desenvolveram constituem, no século XVII, na Holanda, um fragmento extremamente colorido da História, do qual nossa sociedade não pode fazer

lustração extraída de *Mein manuscript von Stein der weisen* (Meu manuscrito da Pedra dos Sábios) Froschmayer von Scheibenhooff, século XVII.



A Pedra Filosofal (Manly P. Hall)

abstração. Grandes escritores e eruditos holandeses, como Erasmo, Vossius, Barleus, Huygens, Boerhave, P.C. Hooft, Descartes e Spinoza deram importantes contribuições, no plano intelectual e científico, para o desenvolvimento do pensamento europeu.

Podemos afirmar que o pensamento espiritual europeu de hoje foi formado pelos acontecimentos dos séculos XVI e XVII na Holanda. Eminentes teósofos, como Gichtel, Breckling, Giftheil, Kuhlman e o grande pedagogo Comenius encontraram um porto de salvação em Amsterdã, onde seus textos foram impressos por Hendrik Betkius, Abraham Willemz van Beyerland e muitos outros, de onde logo se espalharam para toda a Europa. Assim, foi em Amsterdã que foi impressa toda a obra de Jacob Boehme.

A ameaça que pesa sobre este impulso espiritual

Os fundadores da atual Escola da Rosacruz Áurea, Jan e Wim Leene, viveram e trabalharam no período que separa as guerras mundiais de 1914-1918 e 1939-1945, uma época idêntica a esta do início do século XVII. Eles tinham consciência profunda do fato de que a imagem política dos anos que viriam seria determinada pelo nacional-socialismo que estava crescendo. Eles viam surgir o desejo expansionista da Alemanha não somente como uma escorregada política perigosa da Europa, mas também como uma ameaça que pesava sobre o grande impulso espiritual transmitido, no início do século, por pensadores como H. P. Blavatsky, Dr. Rudolf Steiner e Max Heindel. Em meio a grande agitação e ameaças de guerra, os irmãos Leene puseram-se a buscar a fonte desta aspiração pela liberdade espiritual que marcou tão fortemente o Renascimento, o Humanismo e, em seguida, a Reforma, e se fez sentir em todos os domínios. Esta pesquisa culminou pela descoberta da Fraternidade da Rosa-Cruz sob a forma de seu testamento espiritual. Em 1936, eles encontraram, em Londres, no British Museum, uma edição da *Fama Fraternitatis* e de *Chymische Hochzeit* (respectivamente *O Chamado da Fraternidade da Rosa-Cruz* e *As Núpcias Alquímicas de Christian Rosenkreuz)* e ainda um outro texto de Andreae: *Republicae Christianopolitae* (Cristianópolis).

Nos escritos dos irmãos Leene, que começaram a circular sob a forma impressa a partir dos anos 30, encontramos a ressonância de sua inquietação interior e de seu grande amor a serviço da humanidade. Eles mostravam que,

também naquela época, o poder político que se mobilizava na Europa ameaçava e reduzia a liberdade espiritual. Eles também compreendiam, e muitos compreendiam com eles, que era preciso lutar por esta liberdade. Mas eles colocaram sua força nas armas de Deus, usando o capacete da esperança e a espada do amor, e sustentados pelo poder de suas palavras aguçadas e por seus atos.

Assim, a filosofia da Rosacruz Áurea atual está fixada em uma comunidade de almas viventes e concretas, que aspiram ao encontro com o Espírito.

O movimento de milhões de cabeças e corações

Quando Jan e Wim Leene fundaram sua Escola Espiritual, em 1935, eles o fizeram com a mais sincera convicção. Fazendo isto, eles se perfilaram com os grandes instrutores espirituais, como H. P. Blavatsky, que, em 1875, em New York, instituiu a Sociedade Teosófica; Max Heindel que, em 1909, fundou a *"Rosicrucian Fellowship"*; e Rudolf Steiner, que assentou os alicerces da Antroposofia em 1913. Eles se decidiram a cumprir os ideais da Ordem da Rosa-Cruz, onde também Harvey Spencer Lewis, o fundador da A.M.O.R.C. também se inspirou.

As grandes escolas espirituais e correntes filosóficas que seguiram, pelo menos um pouco, o eco das idéias da Teosofia, da Antroposofia e da Ordem da Rosa-Cruz tocaram milhões de cabeças e corações humanos por um século. Madame Blavatsky dá testemunho disto, com estas palavras:
"Pois podemos encontrar este conhecimento, que é 'A Doutrina Secreta', espalhado por milhares de livros que contêm os textos das grandes religiões asiáticas e da antiga Europa ocultos por detrás de signos e símbolos: por causa destes véus, ele ficou desconhecido até em nossos dias. O que se tenta, agora, é reconstituir a antiga doutrina e fazer dela um todo harmonioso e coerente".

Como eles fizeram isto? Colocando à prova as antigas tradições para cada domínio da natureza, pesquisando-as e controlando-as, com base em visões independentes de grandes adeptos. Isto é: eles foram homens que desenvolveram e aperfeiçoaram até o mais alto grau possível sua constituição física, psíquica e espiritual.

Não se aceitou a visão de nenhum adepto, antes da mesma ter sido controlada e confirmada pelas visões de outros adeptos e por séculos de experiências, conseguindo-se assim que a própria doutrina pudesse dar testemunho de si mesma.

A visão rápida e penetrante destes videntes chegava até ao núcleo da matéria e percebia a alma das coisas, enquanto que uma pessoa comum, não iniciada, por mais cultivada que fosse, percebia apenas as formas exteriores.

Mas a ciência moderna não acredita na "alma das coisas" e rejeita, portanto, o sistema da antiga cosmogonia. Ela acredita que o universo e tudo o que se encontra dentro dele foi sendo constituído progressivamente por forças cegas, inerentes à matéria.

E Max Heindel escreve em *Por que sou rosa-cruz: "Antes de tudo, devo explicar que os estudantes da Fraternidade Rosacruz não se denominam a si mesmos rosa-cruzes, por que tal título somente se aplica aos Irmãos Maiores, que são os hierofantes dos mistérios menores, guardiães dos ensinamentos da sabedoria ocidental e cuja elevação é superior, do ponto de vista de seu desenvolvimento espiritual, ao maior santo, assim como um santo é superior aos adoradores de ídolos".*

Em sua alocução sobre *Os Símbolos Secretos dos Rosa-cruzes*, o Dr. Rudolf Steiner escreve: *"O que o rosa-cruz da Idade Média experimentava ao observar os processos da natureza é uma*

sagrada ciência natural. O que o rosa-cruz podia experimentar com relação à disposição ao sacrifício espiritual, às grandes alegrias, aos grandes acontecimentos naturais, à dor e à tristeza, todos estes acontecimentos sublimes percebidos por ele durante suas experiências operavam sobre ele de modo libertador e redentor. O que as diferentes religiões tiveram o poder de revelar foi reunido por Christian Rosenkreuz e o Colégio dos Doze. Os efeitos disso serão tais que o que as diferentes religiões revelaram em particular, o que seus fiéis tentaram realizar e que constitui sua ardente aspiração, será encontrado agora no impulso crístico.

Por conseguinte, o desenvolvimento nos próximos três mil anos terá como objetivo tornar compreensível este impulso crístico e fazê-lo crescer. A partir do século XX, todas as religiões se unirão no Mistério da Rosa-Cruz. Isto será possível durante os três mil anos que virão, por que já não haverá necessidade de doutrinar a humanidade, de instruí-la a respeito do que está consignado nos documentos. Vendo o próprio Cristo, a humanidade compreenderá o que Paulo vivenciou no caminho de Damasco. A própria humanidade vivenciará a experiência de Paulo."

Jan Leene, que tomou o nome de Jan van Rijckenborgh como escritor e Grão-Mestre da Escola da Rosacruz áurea, dizia, em 1939, em seus comentários a respeito da *Fama Fraternitatis: "Em 1909, quando Max Heindel surgiu em cena, o tempo destas manifestações ainda não havia chegado. Durante séculos inteiros, os irmãos da Rosa-Cruz souberam ocultar suas intenções, e, neste contexto, Max Heindel também teve uma tarefa a cumprir, servindo como introdutor do grande movimento da Rosacruz atual. Percebe-se que ele conheceu o grande chamado da Rosa-Cruz para o século vinte a partir da lei fundamental: 'Uma mente pura, um coração nobre e um corpo são'. Uma mente pura: verdade; um coração nobre: bondade; um corpo são: justiça. E uma parte de nossa grande alegria é ter podido continuar a grande obra, seguindo nossa vocação sobre as bases já colocadas por Max Heindel, e também ter podido dar um impulso ao trabalho da Rosa-Cruz rumo a uma revelação cada vez mais grandiosa. A grande obra se nos apresenta em uma glória imensa, em uma glória jamais imaginada anteriormente.*

Para seu trabalho atual no mundo, os Irmãos Maiores têm necessidade de um grande número de auxiliares, de companheiros treinados, que conheçam bem a filosofia e a ciência gnóstica. Se o objetivo visado pelo trabalho rosa-cruz tivesse sido anunciado antes da hora, muitas hordas demoníacas bem conhecidas teriam rapidamente destruído todo o trabalho, que estava apenas começando. Entretanto, milhares de seres estão despertando a partir deste sublime trabalho rosa-cruz. Heindel tinha tocado inúmeras pessoas no coração e na cabeça, e algumas foram escolhidas aqui e ali para receber uma influência especial. Estas pessoas foram instruídas e colocadas a prova durante anos, atravessando enormes dificuldades. E, no momento em que o bloco demoníaco pressentia o perigo, seus vassalos se atiraram sobre o trabalho visando sabotá-lo, pois ele estava se tornando perigoso para eles. E foi então que das cinzas do sacrifício de Heindel, do amor de Heindel, elevou-se, renascida, a Rosa-Cruz, como uma nova ferramenta nas mãos da Fraternidade da Luz.

E assim, no momento psicológico em que a sombra das trevas se manifestou, agitando-se convulsivamente em uma tempestade impotente, nós vos falávamos da grande reforma, de uma nova aurora dos séculos. Com sua cor vermelho-sangue, o sol de Aquário se eleva no horizonte. Tal como um globo de ouro, símbolo da glória de Cristo, ele

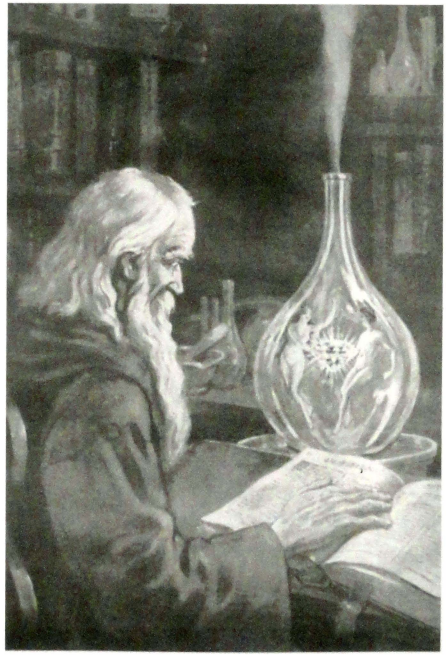
seguirá sua rota até o zênite.

Em 1909, os irmãos já tinham conhecimento dos graves acontecimentos que nós chamamos de 'duas guerras mundiais': desde este momento já tinham conhecimento do monstro fascista cuja goela deveria se abrir para engolir as massas inocentes. É por isso que Max Heindel veio para formar, com suas publicações, um grupo de heróis, amadurecido e preparado para ser utilizado no momento oportuno. Nossa grande felicidade reside no fato que este núcleo, extremamente fortificado e desenvolvido pela Rosa-Cruz ressurgida em uma nova forma, coopera com o mecanismo da nova manifestação, onde nós temos de desempenhar nosso humilde papel. Foi-nos permitido testemunhar estes novos acontecimentos de ordem mundial e a glória da vitória; e também nos foi permitido convidar-vos a partir conosco para o novo país.

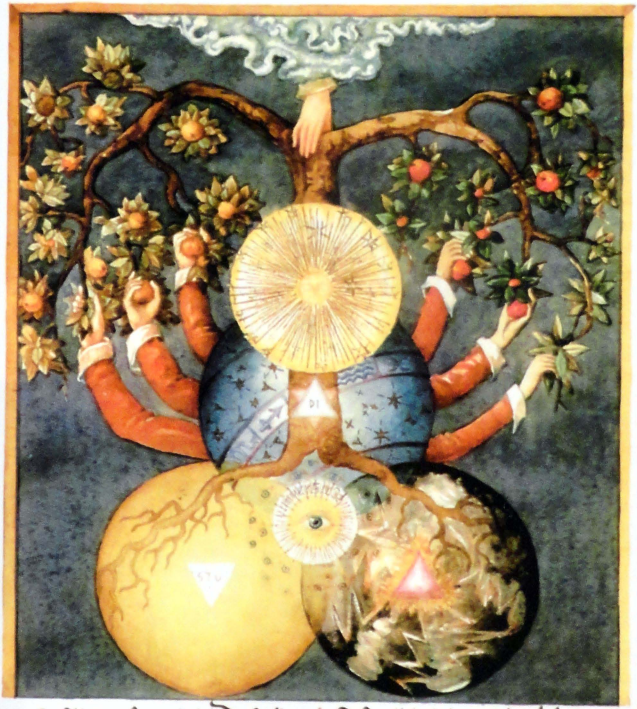
O realismo cristão que animava Lutero haverá de impulsionar o espírito até uma nova manifestação, em um nível bem mais elevado. Diante da degenerescência completa da humanidade, que é uma conseqüência do direcionamento cego dos próprios homens, haverá uma intervenção irresistível na constituição do mundo sob a égide da Corrente da Fraternidade Universal da Luz, e isto acontecerá a fim de realizar-se a reforma ordenada por Deus. Às inúmeras pessoas que ainda se encontram presas na ilusão, esta reforma oferecerá a possibilidade de encontrar e percorrer a senda da regeneração, a senda do retorno ao estado de vida original. Desde a sua chegada ao poder, durante a explosão da Segunda Guerra Mundial, os movimentos que serviam às potestades do mal foram abatendo grupos esotéricos e, entre eles, o da Rosa-Cruz em sua forma exterior. Contudo, o verdadeiro movimento rosa-cruz é tão intangível quanto o ar, e os Irmãos da Luz trabalharam e ainda trabalham de maneira intensa. Nada nem ninguém poderá deter a marcha triunfal para diante; nada nem ninguém poderá impor um basta à reforma.

Na Europa e no mundo inteiro, em meio às forças da desagregação que estão ganhando terreno e que nos envolvem de todos os lados, a vitória está começando a ser preparada. As ondas da reforma, as forças irresistíveis do corpo etérico de Christian Rosenkreuz, se elevam com uma majestade divina, envolvendo e penetrando todo o nosso campo de vida. O bloco da cultura demoníaca deve temer somente o poder da revolução de Aquário.

Qual é o papel da Fraternidade da Rosa-Cruz nos acontecimentos humanos? Segundo a exigência do Logos,



A Grande Obra está completa (Manly P. Hall).



von demselben empfangen haben. Dieses Auge kann alle Geister prüfen, wie verständig, lauter und scharf sie sind. Es versiehet, woher Gutes und Böses entspringet. Licht und Finsterniß ist vor ihm offenbar. Zeit und Ewigkeit, Sichtbares und Unsichtbares, Gegenwärtiges und Zukünftiges, Irdisches und Himmlisches, Leibliches und Geistliches, Hohes und Tiefes, Aeußerliches und Innerliches wird von ihm verstanden. Und doch wird es von deren keines beunruhigt, denn es wohnet im Centro der Ruhe, da alles außer dem Streite in der Gleichheit stehet, was es siehet das besitze es auch. Denn im Centro seiner Ruhe ist der königliche Thron, dem alles unterworfen ist.

ela tem o papel de edificar uma construção crística neste mundo, de operar uma guinada libertadora no dramático processo de desenvolvimento da humanidade.

Nem alturas nem profundidades podem nos separar do amor de Cristo, que somente pode estabelecer sua força em nós por meio de cabeças, corações e mãos humanas."

Esta exposição é histórica porque, desde o aparecimento dos primeiros manifestos, a cada novo texto, a cada nova sucessão de ideais de fraternidade lutou-se pela liberdade do Espírito. É esta força do Espírito que se mantém por detrás do chamado da Rosa-Cruz e que se expressa nos inúmeros textos que foram publicados por milhares de partidários dos rosacruzes, bem como pelos movimentos espirituais mais importantes que surgiram do século XVII ao XX. Ora, esta tradição está, há longo tempo, muito tempo, relegada à margem da sociedade.

Esta exposição mostra que o chamado da Rosa-Cruz foi entendido e seguido continuamente há quatro séculos. Desde então, ele ressoa ainda mais claramente que nunca, fazendo cair os véus diante de pretensos mistérios. As portas da Fraternidade da Rosacruz atual estão largamente abertas para todos, até mesmo para as comissões das seitas que, fundamentando-se em pesquisas incompletas, colocam em dúvida, neste momento, na França, na Bélgica, na Suíça e na Alemanha, a perfeita integridade da Rosacruz atual.

É por esta razão que é extremamente importante que a herança espiritual dos grandes pensadores e dos grandes movimentos espirituais, depositada em um número tão grande de textos, esteja conservada em segurança e acessível, conforme as normas científicas, pela Bibliotheca Philosophica Hermetica — biblioteca que devemos contar entre o número de nossos bens nacionais e que, por isto, traz sua preciosa contribuição a esta exposição da Biblioteca da Casa de Orange.

A árvore do Conhecimento do Bem e do Mal *(Os Símbolos Secretos dos Rosa-Cruzes).*

A PROFECIA TORNOU-SE REALIDADE

Alocução de A. van den Bruhl, Lectorium Rosicrucianum

O Chamado da Fraternidade da Rosa-Cruz, a Fama Fraternitatis, foi lançado ao mundo há pouco menos de 400 anos, e ressoa ainda hoje, dia 10 de dezembro de 1998. Esta exposição é a prova disto. Ela mostra claramente como este chamado fez sentir sua ação durante séculos, até nossos dias. Todos vocês também são prova disto, pois vieram aqui, em grande número, para a inauguração desta exposição tão especial. Estamos convencidos de que todos os que aqui se encontram estão conscientes de que este é um momento histórico. Ao mesmo tempo, surge uma nova tradução, em holandês, da Fama Fraternitatis, *mais fiel ao texto original, graças ao trabalho incessante do Dr. Carlos Gilly e do saudoso senhor Pleun van der Kooij.*

Achamos que é extremamente significativo que a apresentação desta nova tradução esteja acontecendo na Biblioteca Real, que é o centro do livro holandês, onde o passado e o presente estão representados da maneira mais completa possível. Assim, aqui se encontra a primeira impressão em holandês da *Fama Fraternitatis*, surgida em 1615. Isto significa que, desde o ano seguinte à primeira edição, em Kassel, em 1614, a Holanda já havia compreendido a importância deste texto. E ainda é o que acontece hoje, pois podemos dizer que Amsterdã não é somente a capital da Holanda, mas também dos textos rosacruzes reunidos na Bibliotheca Philosophica Hermetica: um imenso tesouro de sabedoria, de nobre pensamento religioso e de obras que remetem à fonte original de toda visão espiritual — obras extremamente importantes para a pesquisa que será sustentada pela nova cadeira de História da Filosofia Hermética e tendências afins.

Um fator de inspiração espiritual

Hoje, quase 400 anos depois, todos aqueles para quem a palavra *rosa-cruz* não é somente um termo insólito, mas um fator de inspiração espiritual esperam com grande interesse a nova tradução da *Fama Fraternitatis*. Aqui, nós nos referimos ao prefácio do catálogo da exposição redigido pelo Dr. W. van

Depois de sua alocução de inauguração, o senhor A. H. van den Brul ofereceu, em nome do Lectorium Rosicrucianum e das Edições Rozekruis Pers, um exemplar da nova tradução da Fama Fraternitatis R. C. *para o Dr. W.van Drimmelen, diretor e bibliotecário da Biblioteca Real, para a senhora E. T. Hamelink-Leene, filha do senhor J. Leene, senhor H. Leene, filho do senhor Z.W. Leene, e para o senhor R.J. Ritman, fundador da Bibliotheca Philosophica Hermetica.*

Drimmelen, em que ele diz, com razão, que este fator espiritual manteve e inspirou muitas pessoas até nossos dias, e é este fato que gostaríamos de sublinhar. É certo que os séculos passados o demonstram amplamente, como podemos ver através da pesquisa aprofundada do Dr. Carlos Gilly, cujos resultados serão publicados na bibliografia dos primeiros rosa-cruzes, obra que aguardamos com impaciência.

Também já sabemos — por experiência e graças a nossas viagens através da Europa e ao exterior — que hoje em dia a força inspiradora realmente está agindo sobre muitas pessoas. Temos encontrado inúmeros buscadores que respondem ao Chamado da Fraternidade e colocam no centro de suas vidas a reforma espiritual que é o significado mais profundo deste Chamado da Rosa-Cruz. Isto prova que a *Fama Fraternitatis R.C.* está ressoando até hoje e toca seres humanos do mundo inteiro com sua força espiritual. Faz muito tempo que as reações a este chamado já não se limitam à Europa.

No fim do século XX, o círculo está se fechando novamente. Isto acontece por que, na origem dos manifestos surgem a mesma sabedoria e o mesmo impulso espiritual que inspiraram há tanto tempo os textos de Hermes Trismegisto, sem esquecer as fontes gnósticas, as inúmeras influências da sabedoria árabe e grega, assim como a Bíblia. Por esta razão, afirmamos que podemos e devemos encontrar novamente a Palavra universal, que emana da Fonte original da Vida como força espiritual, a fim de restabelecer a dignidade espiritual do homem e lembrá-lo a respeito de sua origem divina — uma origem que está inscrita em seu microcosmo como princípio monádico divino.





O Dr. W. van Drimmelen, a senhora E. T. Hamelink-Leene e o senhor H. Leene recebem um exemplar da nova tradução da *Fama* das mãos do senhor A. H. van den Brul.

Um novo nascimento no microcosmo

Quanto a isto, é preciso admirar profundamente o tradutor da primeira edição holandesa da *Fama*, em 1615, e a resposta de Adam Haslmayr, que reconhece a expressão *Gnôthi Seauton, "Conhece-te a ti mesmo"*, apesar de alterada. Haslmayr compreendeu imediatamente o profundo significado espiritual destas palavras. Ele escreveu que, se um dia quisermos entrar no Reino divino, deverá acontecer um novo nascimento espiritual. E o fundamento deste processo é o famoso princípio:

"Conhece-te a ti mesmo!"

Esta exortação tem seu brilho máximo nos manifestos: *"depois de uma reviravolta espiritual interior, é preciso que o Homem verdadeiro desperte".*

Esperamos não causar constrangimento se, como membros do Lectorium Rosicrucianum expressarmos aqui nossa admiração e nossa gratidão ao homem que nos revelou o segredo e o profundo significado dos manifestos rosa-cruzes, nosso Grão-Mestre Jan van Rijckenborgh. Certa vez, ele nos confiou que sabia, desde muito jovem, que a palavra *"rosa-cruz"* seria muito importante em sua vida. Ele provou isto revivificando plenamente o Chamado da Fraternidade da Rosa-Cruz, da qual ele destacou o significado completo para os que buscam a verdade. Todos os que lêem com atenção os comentários da *Fama*, da *Confessio* e das *Núpcias Alquímicas* reconhecem que ele extraiu destes textos um grande tesouro espiritual, mesmo que os leitores não desejem seguir o caminho rosa-cruz tal como ele o descreve.

A *Fama*, para Jan van Rijckenborgh, não é a narrativa de viagem de um certo C. R. C., mas um texto dos Mistérios que indica, de forma figurada, a senda espiritual que deve conduzir à renovação do mundo e da humanidade. No livro *Confessio*, ele não vê apenas uma profissão de fé homologada, mas uma grandiosa profecia que se revela em nossos dias de modo impressionante. Quanto às *Núpcias Alquímicas*, uma profunda inspiração lhe dá as chaves que permitem revelar o verdadeiro significado deste texto envolvido de mistérios. Citemos sua introdução às *Núpcias Alquímicas: "Quem foi, ou melhor, quem é Christian Rosenkreuz? Ele é o protótipo do verdadeiro homem original, do homem que realmente é Cristo, em quem o Cristo foi libertado por ele ter percorrido a senda da cruz na força da rosa.*

O caminho que o homem dialético tem de percorrer como senda de libertação é o caminho da Gnosis Quíntupla. Esse caminho é a via crucis. Uma cruz surge mediante duas linhas de força que se interceptam perpendicularmente. Isso significa uma mudança total, uma transformação de forças, uma transformação alquímica.

A rosa em nós tem de ser ligada a seu verdadeiro campo de vida, o campo da imortalidade. A rosa tem de ser libertada mediante a via crucis da transfiguração. Eis por que falamos de Rosa-Cruz. Esse trabalho tem de acontecer na força de Cristo, na força eletromagnética da vida universal. Por isso, o homem que realmente percorre e realiza esse caminho pode ser denominado Christian Rosenkreuz.

Nós somos rosa-cruzes quando trilhamos essa senda até o fim. Nós nos tornaremos rosa-cruzes quando iniciarmos esse caminho. E quem começa a percorrê-lo passa naturalmente por experiências. Para tal ser humano é muito importante saber se suas experiências e suas conseqüências são corretas, se elas concordam com a senda, se suas reações, dia a dia e a cada passo, são corretas.

Ora, todo o aluno que trilha a senda encontra suas experiências e conseqüências descritas nas Núpcias Alquímicas, como que fora um relato extremamente preciso de seu próprio caminho de vida."

Os jornais Trouw, Algemeen Daglad e Volkskrant fazem um relato detalhado da exposição e de seus bastidores.

A explicação detalhada do caminho

Assim, Jan van Rijckenborgh revela aos alunos, de uma maneira inimitável, o Caminho da Rosa-Cruz tal como é descrito nas *Núpcias Alquímicas*. Página após página, o aluno vê o caminho desenrolar-se diante dele, enquanto que ele mesmo se esforça para vir a ser um "Cristão Rosa-cruz". É assim que Jan van Rijckenborgh comentou e explicou os Livros de Hermes Trismegisto. Os rosa-cruzes do século XVII

Geen rozen voor

KEERPUNT

De roep van he

door Cobby van Limpt



Carel Brandel



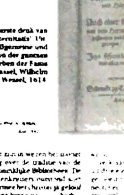


Oproep tot regeneratie

Expositie Koninklijke Bibliotheek sluit aan bij groeiende belangstelling voor esoterie

door Marry Bax





estimavam muito a filosofia hermética.

Os comentários de Jan van Rijckenborgh sobre os manifestos, assim como os comentários do *Corpus Hermeticum*, foram editados, respectivamente, em quatro volumes e traduzidos em mais de sete línguas. Em seguida, Jan van Rijckenborgh fez um maravilhoso comentário do Primeiro Livro do Evangelho gnóstico da *Pistis Sophia* atribuído a Valentin. Enfim, ele explica uma parte do *Tao Te King* de Lao Tsé, no livro *A Gnosis Chinesa*. Ele explicou ainda muitas outras obras da Sabedoria divina, de onde foi brotando uma torrente de força espiritual.

Queremos dizer a vocês, com tudo isto, que a riqueza filosófica que emana destas obras é inteiramente inspirada e animada pela *Fama Fraternitatis, pela Confessio Fraternitatis e pelas Núpcias Alquímicas de Christian Rosenkreuz*, três textos que ocupam uma posição central nesta exposição.

Constatamos que a exposição que hoje está sendo inaugurada não somente fala por si e é única pelo fato de mostrar 400 anos de tradição rosa-cruz, mas

também porque ela ressalta a evolução específica do pensamento esotérico dos últimos cem anos. Durante este período, foram surgindo grandes pensadores e verdadeiros pioneiros, para realizar um trabalho preparatório considerável neste sentido. Pensamos assim, especialmente, com relação a Madame Helena Petrovna Blavatsky, ao sr. Rudolf Steiner, a Max Heindel, a Spencer Lewis e em Reuben Swinburn Clymer, fundadores de importantes movimentos. Estes pensadores esotéricos sabiam que estavam ligados, cada qual a sua maneira, às idéias e aos textos da Fraternidade Rosa-Cruz do século XVII.

Jan van Rijckenborgh sempre demostrou um grande respeito por Madame Blavatsky, pelo Dr. Steiner e por Max Heindel, bem como pelo grande pensador Inayat Kahn. Mesmo reconhecendo as diferenças evidentes na realização de suas idéias, Jan van Rijckenborgh, depois da Segunda Guerra Mundial, tentou chegar a uma certa cooperação com os franco-maçons, os teosofistas, os antroposofistas e os sufistas. Muitas revistas desta época testemunham estas tentativas. Para sua grande decepção, ele não conseguiu nenhuma reação. Talvez porque ele tivesse também a profunda convicção de que a Fraternidade da Rosa-Cruz iria desempenhar um papel central nesta cooperação. Em 1946, ele escreveu: *"Avisamos muitas vezes que, neste momento, grandes transformações estão acontecendo na vida esotérica. Todos fazemos parte destas mudanças; devemos aprender a compreender a vontade divina nesta virada de século, e a cooperar de todo o coração com os processos necessários. Trata-se, portanto, de uma tarefa que deve ser compreendida muito bem, tanto por parte dos alunos rosacruzes como por outras correntes, qualquer que seja o lugar em que elas se encontrem no campo esotérico. Nos anos que virão, ficará claro quem procurou a si mesmo e quem teve como objetivo servir o Grande Plano de maneira impessoal. Todos os grandes obreiros destes cem últimos anos que surgiram na vida pública sabiam que seu trabalho fazia parte de um plano engenhoso, e que a Rosacruz deveria executar, necessariamente, a fase final. Portanto, esta idéia não pode viver somente nos círculos rosa-cruzes, mas também deverá manifestar-se em outros obreiros."*

Pois bem, caros ouvintes, achamos que estas palavras são proféticas, se considerarmos esta exposição.

A Biblioteca Real, memória coletiva da herança nacional holandesa

Entrevista com o Dr. W. van Drimmelen, diretor e bibliotecário da Biblioteca Real de Haia, na Holanda.

Quem fundou a Biblioteca Real, e em que data?

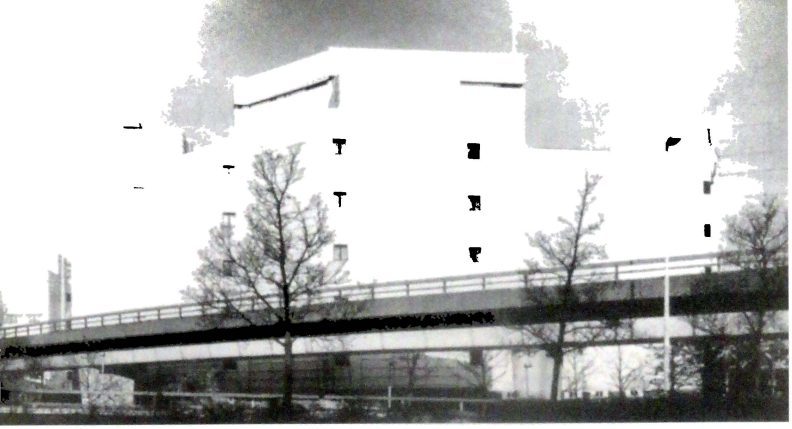
Esta biblioteca foi instituída pelo parlamento da República batava, em 1798. O patrono da cidade, Guilherme V, tinha saído do país e aqui deixou sua biblioteca. Então, um membro do parlamento achou que seria útil que o parlamento dispusesse de uma biblioteca. Esta, que havia sido abandonada pelo patrono da cidade, lhe pareceu ideal para começar. O parlamento logo acatou esta decisão. Mas foi somente no reinado de Luís Bonaparte que ela se tornou Biblioteca Real, em 1806. Portanto, nós devemos este adjetivo "real" a um príncipe estrangeiro. Mas, também Luís Bonaparte fez ainda muitas outras coisas pela Holanda: ele tinha grande boa-vontade em relação a este país!

A partir desta época já se havia escolhido uma certa direção a ser seguida?

Em suma, o que é preciso dizer, antes de tudo, penso eu, é que esta biblioteca reunia obras clássicas e humanistas. Era a biblioteca de um erudito. E assim ela continuou sendo. Nossos livros científicos são livros de ciências espirituais, não de ciências naturais ou de tecnologia. Mas ela apresenta um outro aspecto, pois ela reúne também todas as publicações que são editadas na Holanda. Esta é, por excelência, a missão de uma Biblioteca Real: conservar a herança cultural de seu país. Já faz muito tempo que nos enviam um exemplar de tudo o que é editado na Holanda e aqui ele é conservado, em consignação. Assim, é claro, temos todas as publicações do Lectorium Rosicrucianum.

O senhor disse, no início, que havia obras a respeito de ciências espirituais. Qual é a mais antiga que fala a respeito da renovação espiritual?

O texto mais antigo é um evangelho do século IX. Também temos textos dos séculos seguintes. Evidentemente, temos muitas edições holandesas antigas: do século XVI, XVII e XVIII. Textos que poderíamos definir como representantes de uma corrente de renovação? Acho que se pode considerar um bom exemplo disto a tradução da Bíblia em holandês. Fazer com que este livro pudesse ser lido na língua do povo foi algo de muito novo, na época. Portanto, pode-se dizer que a famosa Bíblia de Delft corresponde a este critério. Há um ano, ou talvez um pouco menos, aconteceu um fato feliz: alguém, em Delft, reformou sua casa e encontrou velhos livros apertados entre o madeirame do teto. Eles datavam do século XVI e estavam muito roídos pelos ratos e outros animais e insetos, nos interstícios em que eles haviam sido escondidos. Eram livros pequenos, sobre os quais se tinha notícia da existência, mas nenhum exemplar havia sido encontrado até então. Havia também dois títulos desconhecidos: textos heréticos completamente desconhecidos. Era perigoso possuir este tipo de livro, e é por isso, sem dúvida, que eles estavam escondidos atrás destas vigas. E há um que foi impresso por um editor que sabemos que foi enforcado porque editava textos heréticos.



A Biblioteca Real de Haia, na Holanda.

Que livros eram esses?

Já não me lembro. Eram obras de teologia que tratavam com certeza de uma reforma. Vocês classificam os manifestos rosa-cruzes na tradição da Reforma?

Não há uma exposição a este respeito?

O senhor quer dizer, uma exposição sobre a Reforma?

Sim, e sobre estas idéias de renovação?

Desde que ocupo o cargo, não me lembro de ter visto uma exposição especial, como estamos tendo agora. Nossas exposições tratam de temas muito mais vastos. Naturalmente, a particularidade de uma biblioteca tão grande e tão antiga é que se possa encontrar todos os aspectos da existência representados dentro dela. Todos estes temas têm em comum o fato de que o livro aí desempenha o papel principal. Também é preciso ressaltar o fato de que o livro desempenhou um grande papel na tradição rosa-cruz. E que esta tradição rosa-cruz mostra muito interesse por estes livros, que concordam com o princípio *"ad fontes"* (às fontes). Pois bem, os senhores vêm às bibliotecas: há uma relação muito importante entre o nosso trabalho e as tradições rosa-cruzes.

E ainda mais: estas tradições foram preservadas! Naturalmente, este é um ponto do mais alto interesse?

É verdade que muitos livros foram perdidos com o passar dos séculos, mas muitos foram conservados. Por exemplo, nas bibliotecas da Holanda: e isto aconteceu porque este país era o maior produtor de livros do mundo, nos séculos XVII e XVIII.

O que explica que os manifestos, um ano depois de sua primeira edição, foram traduzidos e impressos na Holanda!

Muita gente vinha, de todas as partes, porque eles podiam imprimir seus manuscritos neste país quando isto era impossível em qualquer outro lugar.

Pela famosa tolerância...

Sim, isto também desempenhou um papel importante.

O que o senhor pensa a respeito do interesse renovado pela filosofia hermética, a filosofia rosa-cruz em sua biblioteca? Há mais consultas que antes, a respeito deste tema? O senhor acha que há mais vendas deste tipo de obras?

Sim, se estudarmos o interesse pela tradição hermética na Holanda, penso que a Bibliotheca Philosophica Hermetica desempenhou um grande papel. Ela organizou exposições que trouxeram informações para muita gente. Há livros sobre este tema que sempre fizeram parte de nossa coleção. Há muito tempo

que temos obras sobre hermetismo, esoterismo, gnosticismo, e mística. Sempre foi uma parte ativa de nossa orientação. Esta orientação desenvolveu-se tanto que hoje é um dos mais importantes departamentos de nossa coleção. Além disso, também é um dos aspectos atraentes da exposição que está acontecendo agora: contemplar livros que cobrem um período de quatro séculos. Neste caso, quatro séculos de tradição rosa-cruz. Naturalmente, um bibliotecário acha este aspecto interessante.

Estas obras também são o testemunho indelével de homens que geralmente arriscaram suas vidas pela filosofia que instalou a Reforma. Estou pensando em John Huss, que morreu na fogueira.

Os livros desta biblioteca nacional constituem como que uma memória coletiva. Esta é a particularidade dos livros. Tudo o que os homens pensaram, viveram, experimentaram, descobriram, sempre pode ser encontrado em papel graças às 26 letras do alfabeto. É fantástico. É o milagre de uma biblioteca. É muito importante que o que os homens pensaram e descobriram seja conservado e que estes testemunhos sejam preservados. Mas ainda há outras razões: isto evita que precisemos voltar sempre, dando passos para trás. Podemos subir nos ombros daqueles que vieram antes de nós. Penso que, além do mais, isto é simplesmente cativante e apaixonante. Assim, há diferentes razões para conservar esta memória coletiva.

A propósito da filosofia sobre a qual nós nos ocupamos, os livros expostos têm uma ligação com a prática e a realidade de vida.

Sim, mas devo dizer que uma biblioteca nacional nunca escolhe. Ela tem a função de servir ao país como um todo. Esta tarefa nos impõe a missão de conservar nosso patrimônio cultural e os documentos que dizem respeito a nossa cultura. A tradição rosa-cruz pertence a esta cultura. Portanto, na qualidade de bibliotecário, posso dizer: naturalmente, isto pode ser verdade, e sem dúvida é interessante. Eu diria também que isto é certamente interessante para o desenvolvimento espiritual dos homens atuais, mas é somente um aspecto da questão. Minha tarefa de bibliotecário me obriga a indicar todas as funções importantes que os livros das bibliotecas apresentam, e que existem domínios variados que se reagrupam e que cada um destes setores necessita de certas tarefas especiais, mas o tema sobre o qual vocês estão falando no momento é apenas um aspecto. E devo dizer que, pessoalmente, acho extraordinário que se possa ler um livro de mais de 2.000 anos: lembremo-nos somente de Marco Aurélio. Podermos ler um livro de Marco Aurélio, na época atual, podermos traduzi-lo, estarmos quase certos do que ele escreveu... isto é magnífico! E também é magnífico podermos abri-lo, lê-lo e termos verdadeiramente o sentimento de compreender este autor! E também é magnífico que aí sejam ditas tantas coisas que tenham um significado atual para os homens de hoje! Isto é algo maravilhoso! O mesmo acontece com os manifestos rosa-cruzes. O mesmo acontece, naturalmente, com um número muito grande de livros.



Inauguração da exposição pelo Dr. W. van Drimmelen, diretor da Biblioteca Real.

O que o senhor espera da nova cátedra de Filosofia Hermética de Amsterdã e das correntes afins nesta cidade?

Estou muito curioso para ver sua evolução. Penso que é muito bom. Mas os senhores precisam compreender no sentido amplo e não limitar-se a determinados movimentos. Penso que é bom que os universitários se dediquem também a este setor. À Gnosis, às tradições herméticas, naturalmente, que têm dois mil anos, que no passado foram desnaturadas, falsificadas, e das quais ninguém mais se ocupava. E, agora, o movimento é inverso: elas estão novamente atraindo a atenção! É preciso novamente estudar a questão, adquirir conhecimento a respeito dela, fazer pesquisas neste setor: eu penso que isto é bastante sensato. Do ponto de vista da biblioteca, naturalmente, isto cai bem. Da mesma forma acontece para a Biblioteca Philosophica Hermetica. Quanto àquilo que eu chamo de movimento rosa-cruz (não sei se é o termo que os senhores empregam, mas eu o tomo por comodidade), este é um fato que, pelo interesse que ele desperta e pelo próprio interesse que demonstra por obras antigas, traz sua contribuição dos rosa-cruzes à bibliofilia. Em nossa opinião, isto é para nós do mais alto interesse. Se me perguntassem a razão desta exposição sobre a tradição dos rosa-cruzes, então eu diria que há diferentes razões, que no entanto sempre formam uma só razão, e é importante para mim dizê-lo: acho que uma exposição destas é interessante porque ela traz uma grande contribuição a esta ciência que é a bibliofilia. Pois bem, consideremos esta exposição como o reconhecimento deste fato.

O senhor disse que há diferentes pontos de vista. Quais são os outros?

Já citei um. É o princípio *"ad fontes"*. Evidentemente, trata-se de uma orientação que interessa a um bibliotecário. Os senhores professam que querem voltar às fontes. Portanto, esta é uma razão importante para fazer esta exposição. Há uma outra razão: o fato de que uma exposição se estenda sobre 400 anos. É algo interessante a considerar, por si mesmo. Isto também foi uma razão para organizarmos esta exposição.

Gostaria de voltar ao assunto da cátedra de Hermetismo em Amsterdã. Isto teria algo a ver com nossa época?

É possível.

Isto é interessante?

Sim, é possível. Mas penso que devo ser um pouco prudente para falar a respeito disto. Sempre é difícil ver precisamente o que se passa em sua própria época. Evidentemente, há um fato inexorável — é preciso que os senhores me perdoem se eu digo o nome deste livro agora, pois eu compreendo bem que ele provém de um outro tipo diferente da literatura rosa-cruz — trata-se de *"Celestijnse Belofte"* (Profecia Celestina).

Sim, acho interessante que o senhor tenha citado este livro.

Há pontos em comum, embora eu não consiga compreender como um livro tão disparatado tenha surgido rapidamente na Holanda. E não sei quantas edições ele já teve! Isto significa bem que há um vasto interesse por aquilo que chamamos, mais freqüentemente por comodidade, de *espiritualidade*.



Esta palavra é, de certo modo, o maior denominador comum de toda uma lista que se faz a partir desta palavra. Ou então se fala de *New Age*, mas todos estes conceitos ainda são um pouco imperfeitos. Falamos a respeito deles como se fosse um simples guarda-chuva. Pois bem, atualmente, se eu observar este guarda-chuva, então sem dúvida percebo que ele atrai muito interesse, um interesse difícil de ser definido. Qual será a continuidade deste processo? Parece-me que é difícil de ser dito, por alguém que vive em nossa época. Se considerássemos os cinqüenta últimos anos, a apreciação seria mais fácil. Mas posso imaginar que, numa atmosfera como esta, o interesse pela tradição rosa-cruz vai crescer, pois isto sintoniza bem com o espírito do tempo. É possível que, dado este clima geral, o interesse já tenha crescido. É bem possível. Mas dizer que nós já estamos observando isto atualmente na Biblioteca Real, isto eu não acho.

Será que há um deslocamento do interesse pela espiritualidade religiosa que as igrejas apresentam para a espiritualidade que é independente destas igrejas?

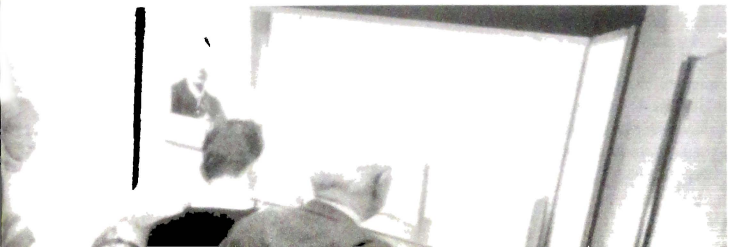
Pode-se observar este tipo de deslocamento na literatura da Holanda. Se os senhores derem uma olhada nos fichários, verão, de um lado, uma diminuição e, de outro, um aumento. De fato, pode-se dizer que uma tradição que já tem dois mil anos merece ser estudada permanentemente. Este é um dos elementos da história de nossa civilização ocidental. E somente por esta razão acho que vale a pena estudar isto, abstraindo o que eu penso pessoalmente.

Pentagrama, esta revista que nós editamos, é recebida por um grande número de pessoas, na Europa e no exterior. O que o senhor acha disto?

Sim, agora o senhor está falando com o bibliotecário da Biblioteca Real. Como bibliotecário, naturalmente acho extremamente apreciável que esteja acontecendo aqui uma exposição que atrai a atenção do público. Fico contente em saber que há artigos sobre este assunto saindo nos jornais. Isto quer dizer também que nosso trabalho não passa despercebido. E se os senhores contribuem também com sua revista, que é editada em 10 ou 15 línguas, para informar muita gente, sim, do ponto de vista da notoriedade que é dada à Biblioteca Real, eu acho isto magnífico.

Também achamos de extrema importância ter este ponto fundamental em comum. A Holanda desempenha um papel muito importante neste sentido!

Vou dar minha opinião sobre o que o senhor acaba de dizer. No decorrer desta entrevista eu mencionei dois elementos que explicam por que esta exposição está de acordo com nossa orientação. Citei aspectos que tratavam da expressão *"ad fontes"* e da Bibliotheca Philosophica Hermetica. Um dos aspectos é o fato de colaborarmos com esta Bibliotheca. Portanto, acho que de diversas maneiras isto está de acordo com a função desta biblioteca. Agora, vocês dizem que acham interessante poder mostrar a existência desta exposição no estrangeiro: "Vejam! É possível organizar uma exposição como esta na Biblioteca Nacional da Holanda!" Poderia acontecer que uma outra biblioteca nacional, em um outro país, se mostras-



se reticente. E poderia também acontecer de eles pensarem que, como órgão do Estado, tudo aqui se passasse como se tivéssemos optado por uma certa corrente espiritual. Sim, pode ser que meus colegas no estrangeiro mostrassem certa reticência quanto a este assunto. Mas eu não sei: quem deve perguntar isto a eles são vocês. Mas seria possível. Pois bem, minha resposta quanto a este assunto é a seguinte: eu já disse quais eram as razões pelas quais acho interessante esta exposição para a Biblioteca Real. Ao mesmo tempo ela satisfaz à exigência de qualidade. Sim, devo dizer que, neste país, isto é possível. E se isto não é possível em um outro país, acho que quem perde é esse país. Mas acho que deve-se compreender que uma biblioteca nacional, como instituição, não escolhe automaticamente os assuntos dos livros que ela recolhe. Estaremos escolhendo, atualmente a Rosacruz? Não. Nós optamos por recolher estes livros porque eles formam uma exposição interessante e satisfazem ao critério de qualidade. Além disso, é extremamente apaixonante mostrar livros antigos que, por causas determinadas, ficaram envolvidos em mistério. Este mistério se deve ao fato de que, em sua origem, quando eles foram escritos, era arriscado fazer isto abertamente. Isto pode ser muito cativante de se mostrar em uma exposição. Portanto, acabei de mostrar mais uma boa razão. Acho simplista dizer que uma biblioteca nacional que expõe certas coisas está se engajando só por causa disto...

Agora tenho uma pergunta a fazer, e, se quisermos, poderemos considerá-la fora do assunto. É a propósito do Lectorium Rosicrucianum, que é verdadeiramente uma corrente de pensamento evidente na Holanda. Não somente na Holanda, mas em dezenas de países. Isto é um problema para o senhor?

Não, eu não tenho problemas quanto a isto. Poderia organizar também uma exposição sobre a Igreja Reformada. Se o tema deles, o conteúdo e a qualidade de seus livros responderem aos nossos critérios, esta exposição poderá acontecer. Isto pode acontecer com qualquer assunto interessante. Agora, é o Lectorium que veio. Acho que sempre devemos manter nossos critérios usuais para nossas exposições habituais. É o que fizemos.

Nós aproveitamos a ocasião para esclarecer outros movimentos em relação à Rosacruz.

Há um catálogo que dá muitas informações para quem quiser se aprofundar nesta questão, por uma razão ou outra.

Todos os que o consultaram, também no exterior, dizem: enfim nós temos...

Sim eu não conheço outra publicação tão prática, tão bem elaborada. É mais uma boa razão para fazer esta exposição. Contribuímos para mandar editar uma publicação em que todos podem encontrar efetivamente informações sobre todos estes movimentos. Mas o senhor tem razão: também posso dizer que, na atmosfera de nossa época, as coisas estão mudando e o interesse está se manifestando. Aí está mais um argumento para alguém se dedicar a um assunto como este.

Também acho que é um ponto importante.

Somente devo assinalar isto por uma destas vagas expressões como *New Age* da espiritualidade, ou...

Sim, o deslocamento dos temas religiosos. Na última metade deste século, as pessoas realmente se desligaram da ortodoxia, e se identificaram grandemente com as correntes de pensamento que sempre existiram, mas que sempre foram relegadas a um segundo plano.

Realmente há um grande interesse pelo plano religioso. Mas é preciso que eu fale prudentemente. Isto também poderá ser constatado nas livrarias.



Para dizer em termos simples, Deus vende bem. Mas, ao mesmo tempo, vê-se que este interesse já não mais se manifesta nas igrejas tradicionais. Isto é evidente e corresponde a uma diminuição do número de seus fiéis.

Por que eles continuam a manter suas tradições?

Poderíamos dizer algo sobre isto. Acho que é o assunto de uma outra discussão. Constato que isto acontece assim: de um lado, uma forma de interesse religioso muito ampla; de outro, a diminuição dos membros das igrejas. Também há uma tendência, acho eu, que faz com que se insista em uma vivência individual, em uma forma pessoal de realização. Creio que vocês também percebem isto. Vocês diriam, talvez, que isto é conforme sua própria tradição, porque aí também ela insiste na importância da responsabilidade individual de seguir um caminho pessoal.

É gnóstico...?

Sim, este é um ponto especialmente valorizado, é lógico. Penso que vocês poderiam constatar, em geral, que se dá importância a formas individuais, pessoais, da experiência espiritual.

Há também, naturalmente, uma certa idéia de liberdade. O pensamento de que se pode chegar livremente a certas visões internas, a concepções internas pessoais...

Apesar de que, na tradição rosa-cruz, isto aconteceu dentro de uma certa organização, não é? Nunca aconteceu no vazio: sempre dentro de um certo contexto social.

Uma última pergunta. O senhor tem, em sua coleção, o Diário de Paulus de Kempenaer, de 1615. Ele escreveu, neste diário, que viu os manifestos rosa-cruzes e que, na verdade, a reforma geral que eles defendem é, talvez, prematura. Se o senhor tivesse em suas mãos o seu próprio diário em nossos dias, se o senhor tivesse sido confrontado com os manifestos, o que o senhor escreveria nele?

Escreveria que este assunto é importante para nossa época, que há muitas razões para levá-lo em consideração. Sim, talvez razões para meditar a respeito, refletir, digamos ... para fugir da fila dos carros em que se está preso em um engarrafamento... Reflexão... Meditação, isto parece cada vez mais difícil do modo em que se vive neste país, e

O Chamado da Rosa-Cruz, quatro séculos de uma tradição sempre viva.

olhe que teríamos bastante necessidade disto. Isto se percebe pelo interesse que demonstraram por esta exposição. Isto se percebe pela existência de *"Celestijnse Belofte"*, que já foi alvo de tantas edições. É realmente uma necessidade. Portanto, penso que chamar para a meditação, para a reflexão, para o recolhimento, para o retorno a si mesmo, assim como não correr o dia inteiro nas auto-estradas... tudo isto é profundamente desejável para restabelecer um certo equilíbrio. Não exige que alguém vá meditar no deserto, pois, quem iria trabalhar para fazer pão? Mas estou persuadido de que temos necessidade de um contrapeso. Portanto, tudo o que chama à reflexão, à meditação e a este gênero de coisas é saudável. Penso que em nossa época isto é extremamente importante para restabelecer o equilíbrio.

Agradecemos ao senhor por esta entrevista tão apaixonante.

olhe que teríamos bastante necessidade disto. Isto se percebe pelo interesse que demonstraram por esta exposição. Isto se percebe pela existência de *"Celestijnse Belofte"*, que já foi alvo de tantas edições. É realmente uma necessidade. Portanto, penso que chamar para a meditação, para a reflexão, para o recolhimento, para o retorno a si mesmo, assim como não correr o dia inteiro nas auto-estradas... tudo isto é profundamente desejável para restabelecer um certo equilíbrio. Não exige que alguém vá meditar no deserto, pois, quem iria trabalhar para fazer pão? Mas estou persuadido de que temos necessidade de um contrapeso. Portanto, tudo o que chama à reflexão, à meditação e a este gênero de coisas é saudável. Penso que em nossa época isto é extremamente importante para restabelecer o equilíbrio.

Agradecemos ao senhor por esta entrevista tão apaixonante.

A INFLUÊNCIA DAS IDÉIAS ROSA-CRUZES SOBRE O DESENVOLVIMENTO DA EUROPA

Entrevista com o Dr. Carlos Gilly, bibliotecário da Bibliotheca Philosophica Hermetica, em Amsterdã.

Por ocasião da exposição da Biblioteca Real de Haia, na Holanda, fomos confrontados com dois aspectos essenciais da Rosa-Cruz: a Rosa-Cruz mística do século XVII e a Rosacruz histórica, do século XX. Falamos de Rosa-Cruz mística porque os rosa-cruzes são considerados como fazendo parte da misteriosa tradição dos alquimistas e destes personagens que não podem ser ligados a figuras históricas.

Mas falamos de mística também porque sua mensagem surge como um mito e uma utopia. A palavra escrita e a letra impressa, entretanto, nos fornecem provas irrecusáveis da existência deles. Da mesma forma a identidade histórica dos rosa-cruzes do século XX é estabelecida, ao passo que sua mensagem não é levada a sério. A Biblioteca Real de Haia e a Bibliotheca Philosophica Hermetica de Amsterdã possuem agora uma grande quantidade de documentos que mostram a enorme influência do pensamento e da filosofia dos rosa-cruzes na evolução cultural e política da Europa, assim como sobre as correntes religiosas. Inúmeros historiadores utilizam, entretanto, estes fatos, como "provas" contraditórias e negativas de todo tipo (o "século das luzes" e seus adversários, as ideologias de esquerda e de direita, as seitas como as do Templo Solar, as comissões anti-seitas em países como a França, a Alemanha e a Suíça).

Professor Gilly, baseando-se nos fatos que o senhor coletou, o senhor poderia demonstrar que a riqueza das idéias rosa-cruzes teve uma influência positiva sobre o desenvolvimento da Europa?

O primeiro Manifesto rosa-cruz surgiu na Alemanha, em 1614. Seu título era: *Fama Fraternitatis.* Sob o título, podia-se ler: *Reforma geral e universal do mundo inteiro.* Nenhum outro texto reformador, no decorrer dos quatro últimos séculos teve uma ressonância tão grande entre seus contemporâneos como esta *Fama Fraternitatis da Venerável Ordem dos Rosa-Cruzes, dirigida a todos os sábios e soberanos da Europa.* Quase oito anos depois, cerca de trezentos escritos foram impressos, combatendo ou aceitando o fenômeno "Rosa-Cruz" da parte de círculos muito diferentes entre si. Teólogos de todo tipo de obediência religiosa, médicos da velha escola de Galeno e da nova escola de Paracelso, os discípulos mais conservadores de Aristóteles e dos adeptos da filosofia hermética, alquimistas, astrólogos, juristas, escritores políticos e literários, todos tomaram da palavra apaixonadamente para atacar ou defender a invisível Fraternidade e suas idéias de regeneração de todos os valores e de todos os princípios da religião, da sociedade e da ciência. E isto não somente na Alemanha, mas também na Inglaterra, na Holanda, na França, na Itália, na Boêmia e na Suécia. Logo toda a Europa se encontrou envolvida no debate sobre os rosa-cruzes. Em seu primeiro manifesto, o que se considerava como ideológico tornou-se evidente para a cultura européia: a tolerância em matéria de religião, por exemplo, a fé no progresso, o fato de compreender que a

experiência tem mais valor que a autoridade ou a especulação, a busca de um equilíbrio entre o pensamento e a ação em todos os aspectos da vida.

Graças à nova cátedra de Ciência Hermética de Amsterdã, o senhor espera que apareçam outros pontos de vista na ciência e em outros setores, no que diz respeito ao pensamento rosa-cruz?

A cátedra de Filosofia Hermética da Universidade de Amsterdã corresponde à realização final de um desejo muito antigo. Ninguém menos do que Marcílio Ficino ocupou a primeira cátedra de hermetismo na Europa. A irradiação desta cátedra foi tão extraordinária que Theodor Zwinger, de Basiléia, um dos maiores eruditos do século XVI escreveu: *"Percebe-se o quanto nossa 'Respublica Literaria' deve à Academia platônica de Florença e a seu criador, Cosme de Médicis, pelo fato de que em nosso tempo, quando a mais grosseira barbárie penetrou e manchou toda a ciência, o latim e o grego estão revivendo, e que a Academia de Florença é a primeira a instaurar o estudo de uma filosofia mais pura, trazida das fontes platônicas e herméticas. Graças aos membros desta academia, podemos agora praticar a filosofia com liberdade e elegância".* Nas universidades do século XVI e XVII, onde a doutrina de Aristóteles ainda dominava, esta influência foi pouco sentida. Por isso, as ciências herméticas foram constrangidas a levar uma existência obscura, à parte. O fato de terem criado uma nova cátedra de Hermetismo exatamente em Amsterdã não surpreende quem conhece bem a história desta cidade. No século XVII não havia universidade em Amsterdã, mas havia um editor muito "engajado" que editou não somente o *Corpus Hermeticum* na tradução de A. W. Beyerland, mas também as obras de Jacob Boehme, Comenius, Breckling e outros teósofos, místicos, milenaristas e outros sábios em ciências herméticas e buscadores de Deus. E no que diz respeito aos rosa-cruzes, foi em 1615 que a *Fama Fraternitatis* foi impressa em Amsterdã. De toda a Europa, os partidários da Rosa-Cruz vinham até Amsterdã. Portanto, não é surpresa para ninguém que as quatro grandes coleções existentes de textos rosa-cruzes (em Gotta, Hall Breslau e Wolfenbuttel) venham de Amsterdã. A nova cátedra de Hermetismo está, portanto, ligada a esta parcela da história da Rosa-Cruz em Amsterdã.

Em minha opinião, é principalmente na cabeça daqueles que não enxergam o lugar verdadeiro dos antigos hermetistas e "filósofos da natureza" - os pesquisadores científicos da época, com seu entusiasmo e dedicação - que existe um conflito entre as ciências herméticas e as demais ciências. Mas um conflito como este jamais existiu para aqueles que conhecem os ensaios matemáticos e físicos do autor da *Fama Fraternitatis* ou as atividades alquímicas de Newton.

Este aspecto aparecerá claramente na bibliografia, que a Bibliotheca Philosophica Hermetica está para publicar?

A bibliografia sobre os rosa-cruzes, de 1604-1800, contém aproximadamente 1500 edições, manuscritos e documentos de arquivos classificados por ordem cronológica e acompanhados de comentários. O critério reservado a um texto como este é a menção expressa da palavra *Rosa-Cruz* pelos partidários ou adversários. Todos os textos são apreciados da mesma maneira, tanto os que tratam de teologia, como os que tratam de medicina, alquimia, astrologia, política ou de outra coisa qualquer.

Esta enorme coleção de textos vai-nos mostrar também, assim esperamos, como é complexa a história da ciência; como as opiniões sobre o progresso das ciências estão sempre se modificando, e como o papel de partidário ou adversário pode ser desempenhado pela mesma pessoa, alternadamente. Graças à intervenção dos rosa-cruzes e das correntes que deles provieram, nós adquirimos uma compreensão muito profunda sobre a vida cultural

e religiosa de um período bastante agitado da Europa.

Quais são os movimentos rosa-cruzes de hoje que, segundo o senhor, estão mais de acordo com as fontes e com a mensagem dos manifestos? Até que ponto eles seguem a tradição, adaptada a nossa época?

Como toda corrente histórica, a Rosa-Cruz também sofreu algumas transformações. Os autores dos manifestos e seus amigos também foram, naturalmente, filhos de seu tempo. Seus críticos se voltavam para a dogmática que estava em vigor nas doutrinas religiosas e teorias científicas que não eram baseadas em experiências espirituais pessoais ou sobre investigações científicas. A *Fama Fraternitatis* evocava essencialmente a necessidade do equilíbrio entre fé e vida, conhecimento e experiência, teoria e prática. É por isso que o autor se inspira na filosofia hermética, na mística da Idade Média, na alquimia e até mesmo na magia que ressalta a interação direta entre o homem como microcosmo e macrocosmo. Os irmãos da Cruz áurea que se reagruparam na Itália por volta de 1675 (os "áureos e Rosa-cruzes" como eles se auto-denominaram depois de 1710, na Alemanha) encarregaram-se da mensagem, mas esqueceram-se dos manifestos originais. Quando eles editaram a *Fama Fraternitatis* em sua revista de 1783, este texto tinha se tornado tão desconhecido que inúmeros associados acreditaram que se tratasse da criação de uma nova sociedade secreta e se inscreveram como sócios. Mas, felizmente, havia também adeptos e simpatizantes da Rosa-Cruz que ainda conheciam as origens da Ordem. Um deles foi o compilador e editor de *"Os Símbolos Secretos dos Rosa-Cruzes"*. Eles não estavam inteiramente satisfeitos com os textos da Cruz áurea e traduziram em sua língua não somente a *Fama Fraternitatis*, mas também textos de Para-



Bibliotheca Philosophica Hermetica de Amsterdã.

celso, de Arndt, de Weigel e de Jacob Boehme. Nesta situação, surgiu uma transformação quando os manifestos originais foram editados em inglês pela *"Societas Rosacruciana"*, em 1887. Seguiu-se uma série ininterrupta de edições em todas as línguas possíveis. Desde 1900, foram impressas 50 edições da *Fama Fraternitatis* e do livro *Confessio Fraternitais* e cerca de uma vintena das *Núpcias Alquímicas de Christian Rosenkreuz.*

Quanto à questão de saber qual organização atual que leva o nome "Rosa-Cruz" seria a mais próxima da fonte, eu prefiro não me pronunciar. Como historiador, minha tarefa é somente encontrar as fontes, ordená-las historicamente e despojá-las da pátina ocultista e não histórica com que o mito de rosacruz foi revestido principalmente nos séculos XVII e XVIII. Deste ponto de vista, as organizações que seguiram através do tempo os ideais de Tobias Hess, de J. V. Andreae, de J. Arndt, de Jacob Boehme e de seus amigos são as mais próximas do rosicrucianismo clássico.

Para os autores dos manifestos tratava-se apenas de uma reforma, ou também de uma transformação do homem em si?

Para os autores — ou seja: Andreae, Tobias Hess e seus amigos do círculo de Tübingen — tratava-se das duas coisas. A *"Reforma"* do mundo exterior à qual eles aspiravam somente seria possível se o homem se transformasse interiormente. Andreae esboça magnificamente esta transformação interior nas *Núpcias Alquímicas de C.R.C.* antes mesmo de escrever a *Fama e Confessio Fraternitatis.* Esta *"Reforma geral do mundo"* não era, entretanto, de ordem política, como sugeriram, aos brados, algumas publicações subversivas durante a Guerra dos Trinta Anos. Tratava-se, na verdade, de uma *"reforma"* do espírito, que Tobias Hess já havia declarado em 1605 em uma carta dirigida ao duque de Wurtemberg.

Como os Manifestos puderam ser editados sem que os autores o quisessem ou soubessem?

Parece que, para começar, Tobias Hess e seus amigos quiseram enviar aos sábios da Europa a *Fama Fraternitatis* traduzida em cinco línguas, com a *Confessio* em latim. Mas, antes mesmo de começar as traduções, antes do momento julgado favorável para sua publicação, eles tiveram de perceber que já circulavam inúmeras cópias, recopiadas precisamente por um dos que a *Fama* qualifica de pseudo-alquimista. Portanto, o elemento surpresa sobre o qual contavam os autores dos manifestos desapareceu com a resposta impressa de Adam Halsmayr, em 1612. Foi necessário, então, levar em consideração uma edição ilegal da *Fama.* Em março de 1614, ela surgiu também em Kassel.

Por que Tobias Hess e seus amigos não impediram este processo previsível editando os manifestos na hora certa? Isto continua sem resposta, pois ainda faltam fontes de informação. Entretanto, ficou estabelecido que quem deu a ordem para lançar a primeira edição da *Fama* e da *Confessio,* o landgrave Wilhem de Hesse e o impressor da corte, Wilhem Wessel, em Kassel, não tinham a menor idéia da origem dos manifestos.

Quais são os indícios que lhe permitem dizer que deve ter havido outros manuscritos antes da impressão do primeiro livro? Como o senhor descobriu que eles existiam e onde o senhor os encontrou?

Os quatro manuscritos da *Fama* que foram encontrados não eram realmente desconhecidos no momento em que iniciei minhas pesquisas. Um se encontrava desde 1903 no catálogo dos manuscritos a biblioteca do duque Augusto, em Wolfenbutel; outros dois eram mencionados no catálogo de 1962 da Welcome Library de Londres. Mas, tal como fora o caso com inúmeros textos de Adam Halsmayr, nenhum pesquisador havia se dado ao trabalho

de pesquisar esses manuscritos. O manuscrito de Salzburgo, que fazia parte dos bens de Christoph Besold, um amigo de Andreae, já havia sido examinado em 1929, em Breslau, por Will Erick Peuckert, o grande historiador dos rosa-cruzes. Na ocasião, ele o considerou "sem valor". Trata-se aqui do único manuscrito da *Fama* em que aparecem todas as passagens suprimidas em outros manuscritos e sobretudo nas edições impressas.

Andreae ou algum de seus amigos haviam indicado, alguma vez, que estes manuscritos existiam?

Andreae e seus amigos acabavam de saber que devia existir cópias ilegais da *Fama* em 1612, quando surgiu a *"Resposta à Fraternidade dos teósofos da Rosa-Cruz"* de Adam Halsmayr e mais tarde, desde o final de junho do mesmo ano, quando o príncipe Augusto de Angalt, precisamente junto com Tobias Hess, procurou se informar a respeito do assunto da *Confessio Fraternitatis*. Certamente Andreae tinha ouvido falar, por Benedictus Figulus, sobre as transcrições que circulavam em Kassel, Marburg e Estrasburgo. É somente assim que se pode explicar porque Andreae se irritou tanto sobre o "globe-trotter Figulus", mesmo trinta anos mais tarde, em sua biografia! Se entretanto tudo tivesse se passado assim como Andreae queria, é bem provável que os manifestos jamais tivessem sido editados. Devemos agradecer a Adam Halsmayr e a Benedictus Figulus por fazerem um uso amplo de suas cópias imperfeitas.

Por que é importante que o texto original da Fama seja editado? Já existe uma versão impressa de J.V. Andreae?

Dos quatro manuscritos encontrados, não há um sequer que não apresente alguma omissão. Umas oito páginas estão faltando, infelizmente. Em todos os outros manuscritos faltam as mesmas páginas que faltam na primeira edição de Kassel. Sem variante na



língua, eles remetem a uma única cópia que, certamente, foi feita às pressas e estava prematuramente em circulação fora do círculo de Tübingen. Com a recente edição da *Fama Fraternitatis* de Pleu van der Kooij (Rozekruis Pers), agora já temos um texto que é completo e de onde desapareceram as inúmeras variações e erros de leitura. Este texto é autêntico pelo menos enquanto não seja encontrado nenhum outro manuscrito do círculo de Tübingen. Faltam somente as oito páginas. Mas o que foi descoberto pela Bibliotheca Philosophica Hermetica no setor de pesquisa sobre a Rosa-Cruz dá esperança para novas pesquisas.

Como o senhor explica o enorme interesse que os manifestos provocam desde 1900?

O século XVIII, o "século das luzes", oferece inúmeros aspectos entre os quais um aspecto rosa-cruz. Os princípios das "luzes" tiveram origem, sem dúvida, em Andreae, Arndt, Comenius, Breckling e Gottfried Arnold. Não nos referimos tanto ao livro conhecido de Frances Yates. O século XIX, apesar de ser inventivo, continuou estreito no plano filosófico. A ciência estava voltada exclusivamente para a técnica; e as religiões mostra-

Johann Arndt indica a Andreae que uma reforma interna deve acompanhar a reforma externa.



O jurista Christoph Besold coloca a disposição de Valentin Andreae sua biblioteca de 4.000 livros.

vam-se racionais. A religião parecia envelhecida. É por esta razão, sem dúvida, que inúmeros pesquisadores voltaram-se para o pensamento oriental enquanto que outros "redescobriram" e perpetuaram, na verdade pela mesma razão, a longa tradição do hermetismo europeu. Nesta tradição, a Rosa-Cruz desempenhou um papel extraordinário. De fato, nos manifestos, todos os aspectos que, no decorrer dos séculos, foram taxados de heréticos e combatidos como tais (aspectos herméticos, gnósticos, místicos ou alquímicos), se reuniram.

De onde provém seu interesse pela Rosa-Cruz? O senhor tornou-se o maior especialista da história Rosa-Cruz (pois todos conhecem este traço do fundador da Bibliotheca Philosophica Hermetica). O que levou o senhor a empreender esta imensa pesquisa?

Sou espanhol e há muito tempo fui morar na Suíça. Na Basiléia estudei a história dos dissidentes religiosos da Espanha do século XVI que moravam no estrangeiro. Em seguida, estudei os livros de autores espanhóis publicados fora da Península Ibérica. Percebendo que os dissidentes espanhóis mais importantes, depois de sua separação da igreja romana entraram muito rapidamente em conflito com as igrejas reformadas e foram tratados como heréticos, comecei a me interessar por todos os outros "heréticos" do período da Reforma. E principalmente Paracelso, cujas obras foram impressas por este editor que tinha editado não somente os livros de alquimia da Espanha, mas também uma grande quantidade de livros de Sebastian Castellio, o grande defensor da tolerância religiosa. Foi assim que encontrei as obras de Theodor Zwinger e Johannes Arndt, que faziam a ligação entre Castellio e Paracelso, e que também influenciaram J. V. Andreae — e portanto, os rosa-cruzes. No círculo de amigos de Andreae, encontrei também o prolongamento das idéias que me interessavam e sobre as quais pouco ainda se havia escrito. Foi assim que foi-se abrindo o caminho para o estudo da Rosa-Cruz.

A ocasião direta foi, entretanto, a tarefa de recensear a edição italiana de "O Iluminismo Rosa-Cruz", este belo livro de Frances Yates, sugestivo, mas discutível sob o ponto de vista histórico. Deste recenseamento nada surgiu, pois ele foi-se tornando tão volumoso que, no final poderia ter surgido uma nova história dos rosa-cruzes. Compreendi que um projeto como este somente poderia ser concretizado através de uma pesquisa aprofundada em inúmeros arquivos e bibliotecas. Provisoriamente, eu me contentei em dar uma conferência na Associação Histórica da Basiléia, sob o título: "Os rosa-cruzes, fracasso de uma reforma no século XVII" Foi assim que entrei em contato pela primeira vez com Joost Ritman. Ele pediu que eu me tornasse bibliotecário da Bibliotheca Philosophica Hermetica. O resto, todos conhecem. Depois de ter trabalhado sem parar nesta biblioteca, nesta coleção única de edições e manuscritos dos rosa-cruzes do século XVII, coloquei em microfilmes, em mais de 120 bibliotecas, cerca de 1800 obras e documentos relacionados com os rosa-cruzes dos séculos XVII e XVIII. Este material está descrito e comentado na bibliografia sobre a qual já falei. Ela logo será apresentada, primeiro sob a forma de livro, depois com todos os

documentos, na Internet. Nesta bibliografia está expressa, em toda a sua amplitude, a história dos rosa-cruzes e dos movimentos que suscitaram suas idéias. Como já disse, ela nos oferece uma imagem muito detalhada da vida cultural e religiosa de um período muito conturbado da história européia. A aspiração à perfeição e à harmonia entre o homem, o cosmos e a natureza — assunto que é tratado expressamente nos manifestos rosa-cruzes — mostra-se tão atual que ela pode inspirar, hoje, os pensamentos de muitos homens.

Nós agradecemos ao senhor por esta entrevista tão esclarecedora.

Os Direitos Universais do Homem

A data de 10 de dezembro de 1998, dia da inauguração oficial da exposição "O Chamado da Rosa-Cruz, quatro séculos de uma tradição sempre viva", correspondia ao 50º aniversário da Declaração dos Direitos Universais do Homem, estabelecida em trinta pontos pelas Nações Unidas. O direito à vida, o direito à liberdade pessoal, à liberdade de pensar, à liberdade de consciência, de religião, de opinião, todos estes direitos têm como origem o que foi definido como "a autonomia do Homo Universalis*".*

O adjetivo universal evoca coisas diferentes para cada pessoa. Geralmente é utilizado para dizer que algo se aplica a tudo. Mas este não é o significado mais importante. O universo é um sistema que funciona de modo autônomo, e todos os seus elementos se comunicam e cooperam, formando um imenso organismo. Em um campo de vida universal, todos os elementos satisfazem às condições deste campo, obedecem suas leis e seguem suas linhas evolutivas específicas. Cada elemento constitui uma célula viva deste campo.

O grande universo no qual vivemos corresponde a esta descrição. É um organismo vivo cujas leis todos os elementos obedecem. De acordo com as últimas observações feitas por meio do telescópio Hubble, devem existir ainda 45 milhões de outras galáxias além das que já conhecemos. Um número literalmente incalculável de estrelas aí existem, os planetas seguem seu curso e tudo está em perfeita harmonia com o campo como um todo. Os que habitam este sistema aí têm seu próprio lugar, de acordo com uma tarefa particular.

Descoberta do túmulo de Christian Rosenkreuz. Imagem extraída de An Encyclopedic outline of maçonic, hermetic, qabbalistic and Rosicrucian symbolical philosophy (Manly P. Hall, San Francisco, 1928).

A vida inteira responde às leis divinas

O olho humano está impossibilitado de perceber o universo divino. Este é às vezes designado como o reino original, como um campo de vida que não pode ser tocado pelo que denominamos "queda". Neste campo de vida, cada criatura também tem seu lugar e sua missão, em harmonia com esta estrutura divina. Tudo aí responde às leis divinas e nada se desvia delas, e é em completa liberdade que estas leis são respeitadas.

Como habitante deste cosmo, o homem, com todas as suas qualidades e possibilidades estava, portanto, no princípio, em perfeita harmonia com ele. Entretanto, eis que ele se pôs um dia a criar condições de vida especiais para si mesmo!

E é claro que estas condições não correspondiam ao campo de vida divino, se considerarmos que a fórmula "comer ou ser comido" resume o princípio de vida de todos os seres sobre esta terra.

Felizmente, há milhões de pessoas que agora já começam a ficar fartas desta luta quase eterna e inevitável para ter um lugar ao sol. Elas perceberam que esta existência feita de sangue, de suor e de lágrimas nada tem a ver com a missão original do homem: a de ser





Reunião de trabalho na UNESCO, em fevereiro de 1946. Declaração de princípios assinada por 20 países.

uma célula viva do grande universo da criação divina, viver sem ter de destruir uma outra vida, de dominar os outros e de denegri-los, como é feito em um mundo habitado por uma humanidade que se tornou cega por seu próprio orgulho. É esta cegueira que a obrigou a criar suas próprias leis, seus próprios direitos. Foi assim que este campo de vida isolado, sem rumo, caricatural, pela própria intervenção de seus habitantes, acabou aniquilando o livre arbítrio de uma humanidade separada, sem rumo e caricatural.

Depois de séculos de trabalho duro, de cultura pedante, de discussões e de massacres, uma parte da humanidade se encontra atualmente no ponto em que o Renascimento a havia colocado: a vivificação do *Homo Universalis*, a ruptura de todas as ligações que acorrentam o homem original à morte, a reconquista dos poderes que lhe haviam sido conferidos no reino original. Os manifestos rosa-cruzes do século XVII chamam o homem para uma reforma fundamental e total. Não se trata de uma reforma delimitada pela Igreja ou pelo Estado, mas de uma completa recriação, para finalmente responder ao chamado original. Mesmo sem ter a prova disto, podemos afirmar que inúmeros grandes pensadores falaram mais ou menos claramente a respeito deste chamado. De um lado, o homem se agarra a tudo o que é antigo e petrificado; mas, de outro, uma força, uma consciência lhe apresenta seus direitos... e seus deveres!

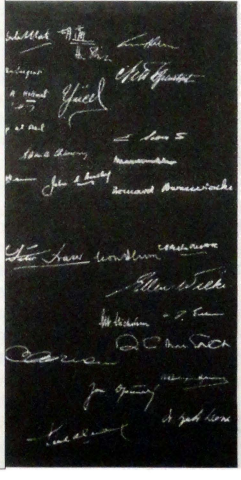
Ideais elevados rebaixados ao nível de regulamentações

É trágico que estes poderosos impulsos sejam, inicialmente interpretados a partir de um ponto de vista moral e material. As intensas imagens que emanam das declarações inflamadas e dos ideais elevados vão se degradando rapidamente, e logo se transformam totalmente em regras e proibições. E, no entanto, a *"Declaração Universal dos Direitos do Homem"* de 10 de dezembro de 1948 tinha como finalidade, em uma primeira instância, devolver ao homem sua dignidade. Sabemos como esta idéia vem sendo traduzida até nossos dias. Mas também é um fato que ela trouxe a consciência de outros valores. Parece que as leis deste universo fechado não estão permitindo que o ser humano usufrua a liberdade espiritual que tanto busca, mas, ao contrário, estão ligando-o cada vez mais à matéria. De acordo com estas leis, "algo" está se formando a partir da matéria: uma forma que está girando há algum tempo na manipulação da matéria e que depois será finalmente destruída por estas mesmas leis. A mãe que dá a vida também dá a morte. No campo de batalha, os soldados são confrontados com esta lei cruel e inevitável. Eles lutam por seu povo e as mesmas forças que formaram este povo provocam sua morte. A Revolução Francesa devorou seus próprios filhos. Assim, os seres deste universo fechado em que mora o homem decaído, obedecem as leis deste universo, a lei do "subir, brilhar, descer".

Foi em dezembro de 1948 que a Assembléia das Nações Unidas votou a Declaração Universal dos Direitos Humanos. *Estes trinta pontos, que dizem respeito aos direitos pessoais, civis, políticos, econômicos, sociais e culturais foram estabelecidos pelo respeito dos direitos essenciais e da liberdade fundamental do ser humano. Eles compreendem o direito à vida, à liberdade, à segurança pessoal, à verdadeira justiça (ou seja, aquela que supõe que o acusado é inocente até prova em contrário), o direito à liberdade de movimento, ao local de moradia escolhido por si mesmo, o direito à vida particular (em sua casa, em sua correspondência). O direito a asilo, à nacionalidade, à posse, à liberdade de pensamento, de consciência, de religião, de opinião, de expressão, o direito de participar do governo, o direito à securidade social, ao trabalho, ao repouso e à um nível de vida que garanta a saúde e o bem-estar; o direito à educação e à aprendizagem, o direito de participar da vida da sociedade à qual pertence. Estes direitos civis, políticos, econômicos, sociais e culturais foram aprovados em 1955 e somente foram assinados em janeiro de 1976.*

Quando o homem se deu conta de que ele não poderia mais continuar assim, e que o sofrimento aumentava a cada dia, ele deu vida aos "*Direitos Universais do Homem*". São pensamentos que nasceram por reação contra o sofrimento desumano. Estes direitos foram submetidos à atenção de todos os povos e de todos os governos, a fim de que a humanidade conheça uma vida maravilhosa e mais digna do homem: esforçando-se por fazer o bem para banir o mal. Infelizmente cada povo, cada nação traduziu seus direitos de acordo com sua política. A idéia subjacente é a de que todos têm direito à vida, ao alimento, à educação, a um teto conveniente e a ser tratado com dignidade e justiça; mas todos estes direitos são interpretados diferentemente, de acordo com a política.

Esta é a razão pela qual podemos dizer que eles estão ligados ao universo decaído, e que neste sentido são universais, mas que, na verdade, não passam de caricaturas dos *Direitos Espirituais Universais do Homem.*





Miscellaneous No.

FINAL ACT

of the

UNITED NATIONS CONFERENCE FOR THE ESTABLISHMENT OF AN EDUCATIONAL SCIENTIFIC AND CULTURAL ORGANISATION

Cmd. 6311

Os direitos espirituais universais do homem dizem respeito, entre outras coisas, ao direito de se alimentar de luz divina, ao direito de permanecer no reino original, ao direito à Doutrina Universal, ao direito da liberdade da alma de se religar, voluntariamente, ao espírito divino.

O homem está lutando corajosamente por seus direitos e está gastando muito dinheiro com isto. Grandes batalhadores fizeram esforços inusitados para tirar seus semelhantes do poço da mais profunda miséria. Por mais que seus motivos sejam profundamente nobres e filantrópicos e que aliviem muita miséria, eles dizem respeito apenas ao homem biológico e defendem unicamente os direitos fundamentais do habitante da terra. Mas o ser espiritualmente livre tem outros direitos, pois é herdeiro de um outro campo de vida, do campo de vida divino.

O direito a um lugar no Reino de Deus

Assim, todo ser humano tem a liberdade de escolher entre Deus e Mamon. Ele tem direito ao alimento original que emana da pura Luz. Ele tem direito ao desenvolvimento de suas qualidades interiores, à Doutrina Universal, ao desenvolvimento de sua alma imortal. Ele tem direito a um lugar eterno no Reino de Deus. Por mais que estes direitos possam parecer bastante tolos para alguns, eles são mais evidentes que os direitos biológicos, pois o que chamamos de *"Direitos do Homem"*, precisamos conquistá-los por meio da força, precisamos defendê-los — ao passo que os direitos divinos estão inscritos dentro de todos, pois são uma lei básica universal. Eles não provocam nenhuma discussão exterior, pois já são estabelecidos e reais. Ninguém tem necessidade de fazer leis a respeito deles e defendê-las. Qualquer pessoa que se religue ao reino original toma parte destes direitos espirituais básicos, por esta simples guinada em sua vida biológica.

Em nosso universo de sangue e de violência, todo o mundo tem de lutar a cada segundo por seu alimento, por seu desenvolvimento, seu teto, sua segurança e seu direito. Esta é a luta generalizada, às custas de outras criaturas: plantas, animais, homens ou de seu próprio campo de vida, que é a terra. Em nosso campo de vida, tão ricamente colorido, todas as coisas, por mais belas e elevadas que sejam, estão submetidas ao declínio e à morte. E toda luta tem como meta a sobrevivência ou o prolongamento da vida.

Como é diferente a natureza do universo divino! Os habitantes deste campo de vida são integrados em um harmonioso processo de evolução em que todos bebem das ricas fontes do Espírito. Aí, não há necessidade de lutar pela existência, pois todos os elementos vitais necessários estão à disposição de todos, livremente e em grande quantidade. O alimento espiritual não é limitado. A vida é uma eterna evolução. A instrução consiste em receber a compreensão da Doutrina Universal, ou seja da estrutura do campo de vida divino, do plano de Deus. E todos os que permanecem neste campo são co-habitantes da Casa de Deus.

Por mais que eles tenham sido estabelecidos com a melhor das intenções, por mais elevados e benéficos para os inúmeros seres que vivem na miséria, os *Direitos do Homem* podem ser considerados a partir de uma visão crítica como uma caricatura dos direitos divinos fundamentais do homem espiritual. E, ao mesmo tempo, eles são o trampolim para uma vida espiritual superior, pois se forem aplicados universalmente, o homem terá conseguido estabelecer sobre a terra, um "reino artificial" que, mesmo se durar muito tempo, não poderá persis-

tir indefinidamente. A força interior do homem se revolta contra o bem-estar material. E, se os direitos interiores espirituais não forem reconhecidos e compreendidos, o resultado será a degeneração e o declínio, agressividade, revolta e massacre — o que faz aumentar ainda mais a desilusão. A realidade parece diferente do ideal tão amado, e geralmente é imposta. O declínio dos valores especificamente humanos estimula a busca de valores superiores através de uma série de duras experiências.

Abertura do caminho que leva à vida universal

As leis do homem espiritual são invioláveis. O caminho que conduz à vida espiritual vai-se abrindo. Os conflitos vão-se intensificando e tornam-se impossíveis de serem resolvidos. Os homens são arrancados de seus sonhos e colocados diante de uma nova senda. O que parecia ser uma faculdade individual torna-se uma imensa possibilidade coletiva. O que muitos buscavam, a causa pela qual muitos lutavam torna-se acessível em nossos dias como *Os Direitos Universais do Homem Espiritual.*

Inúmeros são aqueles que não viam saída, ou que não tinham o direito de buscá-la. E aí estão eles, vivendo novas possibilidades, como se um véu tivesse caído diante de seus olhos. Nesta situação crítica, o ser humano oscila entre dois universos: de um lado, a matéria está buscando recuperar sua alma; de outro, ressoa o chamado libertador da vida eterna. Estes dois campos de vida lhe propõem suas normas e suas possibilidades. Mas a alma sedenta já fez sua escolha e cabe a seu guardião, que é a personalidade, escolher, por sua vez, lucidamente. Onde os direitos universais do homem espiritual se manifestam cada vez mais claramente e já são colocados em prática, o abismo entre estes dois campos de vida está se tornando cada vez mais visível. Entre estes dois campos de vida foi lançada uma ponte temporária para permitir que todos os que desejam verdadeiramente alcancem o universo divino.



Erasmo de Rotterdam na entrada da Exposição da Biblioteca Real de Haia, Holanda.

O Leão do Setentrião, a Águia e o Anticristo

Panfletos e refrões satíricos, políticos, religiosos e milenaristas(1) durante a Guerra dos 30 Anos.

A Confissão de Augsburg assegurou uma certa estabilidade religiosa na Alemanha estraçalhada até o momento em que eclodiu a Guerra dos Trinta Anos, em 1618. Podemos definir este período de equilíbrio precário como uma "guerra fria", pois a guerra de propaganda entre os partidos religiosos castigou-a com violência.

Depois do Concílio de Trento, enquanto os católicos romanos formavam um bloco, o abismo ia se aprofundando entre os Protestantes e os Reformistas. A separação definitiva aconteceu quando os reformistas, em 1580, foram declarados "hereges" assim como os anabatistas, que eram adeptos de Schwenckfeld e dos anti-trinitarianos. A conseqüência imprevista foi que muitos príncipes alemães protestantes se sentiram atraídos pelo calvinismo, o que fortaleceu ainda mais a grande tendência ao dogmatismo.

A idéia de que *"seria melhor ser papista do que calvinista"* fazia parte da doutrina oficial de Lutero. Mas isto só valia no papel! Poderíamos falar de pilhagem espiritual, o que ressalta o fato de principados saxões luteranos terem combatido ao lado da liga católica durante a Guerra dos Trinta Anos, contra a união evangélica dirigida pelos calvinistas.

Cresce a animosidade, no decorrer das discussões

Depois da criação da União dos príncipes alemães, em 1609, e da Liga Católica, em 1610, a propaganda política e confessional tomou proporções enormes. A animosidade crescia e o confronto parecia ser inevitável. Apesar de podermos realmente considerar os panfletos de Lutero como o primeiro meio de comunicação de massa, foi durante a Guerra dos Trinta Anos que a propaganda em sua forma moderna difundiu-se. Esta guerra, cuidadosamente preparada foi acompanhada por uma onda de propaganda em cada uma de suas fases.

Se estudarmos a literatura polêmica da época, teremos a impressão de que os esforços empregados pela União dos Protestantes dirigida pelos calvinistas e as intrigas da Liga Católica conduzida pelos jesuítas não contribuíram tanto para a eclosão da Guerra dos Trinta Anos como as torrentes de panfletos políticos, libelos, revistas, imagens satíricas, logogrifos acompanhados de vinhetas ilustrativas, canções, cálculos astrológicos, cálculos sobre os cometas e predições de todo tipo que falavam a respeito do "final dos tempos". Entre as milhares de publicações que foram objeto de estudos intensivos nestes últimos anos, as que tratavam do *"Leão do Setentrião"*[2] são as que mais atraem nossa atenção. Elas tratam diretamente dos dois personagens-chave da Guerra dos Trinta Anos. O tema milenarista tirado da profecia do *"Leão do Setentrião"*, com sua referência a Frederico V, eleitor do Palatinado, a Gustavo Adolfo, da Suécia, provocou inúmeras publicações sobre a Guerra dos Trinta Anos.



Visão do Leão na floresta do quarto livro (apócrifo) de Esdras: "Somente sua visão já era suficiente para despertar a lembrança da santa condição perdida".

Uma interpretação ao acaso

A profecia do *Leão do Setentrião e o aniquilamento da águia* surgiu por volta de 1600 como escrito pseudo-epigráfico atribuído a Paracelso. Dois manuscritos foram conservados: um em Hannover, outro em Nuremberg. Eles foram impressos uma primeira vez, em 1622, sem sequer mencionar o nome da cidade. Em 1625 eles surgiram novamente, desta vez em "Philadelphia", o que significa, sem dúvida, Hamburgo. Para dar a impressão de que se tratava de textos verídicos, eles foram misturados a textos autênticos de Paracelso. Trata-se de uma interpretação milenarista ousada da visão da águia dos capítulos 11 e 12 do quarto livro (apócrifo) de Esdras. Nesta profecia, o pretenso Paracelso fala de três grandes tesouros enterrados em vários lugares: *"Um deles será rapidamente encontrado, logo após a queda do imperador austríaco Rodolfo. Neste momento, virá o Leão do Setentrião, que sucederá à águia. Ele a ultrapassará e reinará sobre toda a Europa e em uma parte da ásia e da áfrica. No início, este Leão terá muita dificuldade em livrar o reino das garras da águia. Haverá em todos os países uma imensa confusão e grandes catástrofes se produzirão e os vassalos se voltarão contra seus senhores e haverá uma grande divisão. Mas as coisas não ficarão por aí. Um vasto incêndio romperá: será difícil de ser apagado e todos falarão de uma grande destruição. Mas o Leão do Setentrião se apoderará do cetro da águia: todos o verão e o seguirão. Então, haverá paz, calma e unidade em toda parte. O fim não está muito longe."*

"Saibam que estou de acordo com vocês"

O primeiro que se sabia conhecer esta predição e a citava muito era o paracelsiano tirolês Adam Halsmayr. Já em 1612, ele se esforçava por convencer seu amigo e protetor real Augusto de Anhalt para desempenhar o papel de Leão. Este último recusou-se, dizendo: *"Se eu fosse este Leão, então minha descendência bem amada seria maltratada, pois uma reforma geral somente pode começar e terminar com sangue e morte."*

Esta alusão a uma reforma fez referência aos *Manifestos Rosa-Cruzes*, onde é dito: *"Pois a Europa está grávida e dará à luz uma criança poderosa, que deverá ser ricamente dotada por seus padrinhos." E, na Confessio Fraternitatis: "Nossos tesouros serão deixados*

intactos até que venha este Leão, que ele os reclame, os receba e os empregue para a consolidação de seu Reino."

Por ocasião das violentas lutas que os manifestos provocaram depois de sua publicação, surgiram as explicações as mais diversas sobre o significado do Leão. Willelm Neuheuser de Strasburg, que se auto-proclama profeta de um certo reino unido, responde à Fraternidade em 1616: *"O Leão de Esdras, que se volta e pune a águia (os senhores o chamam de Leão do Setentrião), foi Lutero. Não sei de onde vem a expressão "do Setentrião", mas posso dizer aos senhores que também estou de acordo com ele no que diz respeito à Reforma da política, da religião anticristã, assim como à reforma e ampliação de todas as artes".*

"Que reforma irá acontecer e por quem ela será feita?"

Sob o pseudônimo de Crucigerus, um autor luterano ortodoxo observou, em 1618, que o Leão, "o descendente anunciado da Europa" seria, talvez, "um anticristo calvinista ou arianista" que provocaria uma revolta e a desunião no Santo Império Romano e nos reinados vizinhos. Mesmo o calvinista Maurice Hesse, que tinha aprovado a primeira edição dos manifestos, indagou a um acusado rosa-cruz em plena corte de justiça: *"Que reforma vai acontecer e por quem ela será feita? Quem é o precursor do grande Leão do Setentrião e quem é o Leão? Quem será o 'descendente' da Europa?"* O intendente Johann Faulhaber de Ulm faz a aproximação entre o combate do Leão, da águia e do Anticristo e o surgimento do cometa de 1618 e ilustra este combate com duas magníficas gravuras.

A interpretação mais conhecida é a que foi feita por um agitador político chamado Johannes Plaustrarius de Kaiserslautern. Na realidade, ele vinha de Berna e se chamava Johannes Kärcher. Em 1619, ele fala, em uma profecia, a respeito do grande Leão do Setentrião que não cederá diante de nenhuma águia e deixará a áustria sem chefe. Este será o "Paladino". Muito rapidamente, este se tornará o *"salvador do reino"* se *"perceber o que ele tanto quer combater agora".*

O Leão que ruge logo vencerá a águia

A predição de Kärcher não teve nenhuma influência sobre a aceitação, por Frederico, o paladino, da coroa da Boêmia, durante o verão de 1619, e ainda menos sobre o início da Guerra dos Trinta Anos. O panfleto teve muitas impressões e seu efeito não ultrapassou a simples propaganda. Em um outro panfleto político e apocalíptico de 1620 — *Wunder und Figürliche Offenbarung* (milagre e revelação simbólica) — o zeloso Plaustrarius já havia inscrito sobre uma página de rosto: *"O novo rei Frederico, conde paladino, ou o Leão que ruge, da floresta do quarto livro de Esdras."* Este Leão vencerá muito rapidamente a águia com seu rugido, pois ele foi anunciado durante séculos como "Frederico dos últimos dias". Plaustrarius deduziu a data do aniquilamento do Anticristo a partir dos algarismos romanos assim combinados: FrIDeriCVs rVLnLert RoM, ou seja: 1625!

O combate final é descrito com um pouco de precipitação no magnífico fascículo *"Os Símbolos Mágicos dos Leões Triunfantes":*

"Um Leão milagroso
corajosamente corta as cabeças
do animal de sete cabeças
que foi tombado."

Mas quem foi tombado foi o próprio Frederico. No dia 8 de novembro de 1620, o exército da Boêmia foi vencido perto de Praga em menos de duas

horas pelas tropas da Liga Católica e dos Principados saxões na Batalha da Montanha Branca. Na aurora cinzenta da manhã de 9 de novembro, Frederico e sua corte fugiam rumo a Breslau. Tudo aconteceu tão de repente que as carroças com arquivos cheios de documentos importantes caíram nas mãos dos vitoriosos. O imperador Ferdinando II suprimiu todas as liberdades religiosas e as que estavam ligadas à condição social, e mandou executar publicamente, e com crueldade, os chefes da rebelião. Os dois terços de sua possessão foram confiscados em proveito dos partidários dos vitoriosos. Os que não eram católicos deveriam deixar o país.

"O rei de um inverno só"

Do lado católico e luterano apareceu, então, uma grande quantidade de panfletos ilustrados acompanhados de canções satíricas sobre a fuga de Frederico, que havia sido apenas um "rei de um inverno só". Uma brochura que trazia o título de *Die ganze Warheit* (Toda a Verdade) denunciava a arrogância do Leão, que agora tinha sido estraçalhado pelo Urso (a Baviera), a Aranha (as tropas espanholas comandadas por Spinola: *"spin"*, em holandês quer dizer aranha) e o Dragão (os principados saxões).

"Um poderoso Leão,
com coragem juvenil
comportava-se arrogantemente [...]
Agora, o cordeiro expia na floresta
o que o Leão fez de mal.
Tosqueia-se a lã até a pele.
Deus não fica sem vingança."

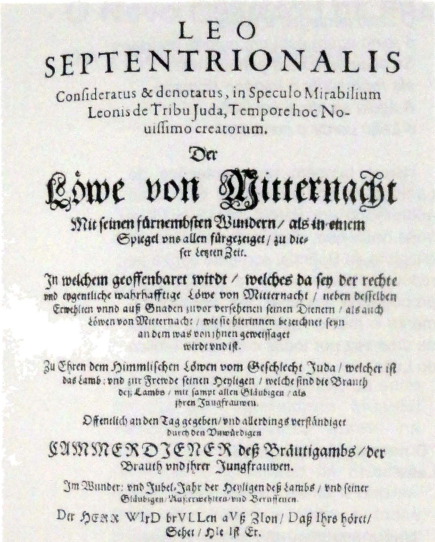
Em inúmeros livros, os vitoriosos apresentaram o desenrolar desta guerra como uma volta na roda da fortuna. Primeiro, a chance parece estar sorrindo para o Leão, depois para a águia.

"A pequena roda do lado direito
vos mostra o país da Boêmia.
O Leão persegue a águia,
o reino agora está em grande perigo.
Se observarmos a grande roda,
ela representa o Império Romano.
A águia se eleva em júbilo,
o Leão perde o combate."

Houve também representações de partidos em luta em que se vê o Leão adormecido por detrás da águia triunfante, leão que, depois do fracasso da aventura da Boêmia, somente aspira ao repouso. Visivelmente, a máquina da propaganda imperial fez verdadeiramente o melhor que pôde para anular de uma vez por todas o símbolo bíblico do Leão.

"O mensageiro do grande Leão"

Mas a manobra não foi um sucesso total. Um exilado alemão da Boêmia, Paul Felgenhauer de Puschwitz, publicou em 1622 e 1625, sob o pseudônimo "O mensageiro do grande Leão", nada menos do que doze fascículos que defendiam o Leão ferido e continuavam confiando nele. Ele predizia que o Leão retornaria a Praga no ano seguinte. Previsões semelhantes surgiram em brochuras anônimas ou sob pseudônimos. Em uma profecia em Latim, em 1621, podemos ler até: *"O Leão aflito foi, é verdade, expulso e mandado embora, mas ele conseguirá um dia tornar-se imperador, papa e reformador da Igreja"*. Enquanto os teólogos calvinistas da corte do "Rei por um só inverno" guardavam distância deste tipo de literatura, Frederico parece ter ficado bastante perturbado. Se não passava de propaganda, isto ainda é algo que precisa ser resolvido. De qualquer forma, Frederico recebeu em Breslau o vidente Christophe Kotter de Sprotau na Silésia, que havia colocado no rastro do milenarismo alguém tão eminente quanto



LEO
SEPTENTRIONALIS

Conſideratus & denotatus, in Speculo Mirabilium
Leonis de Tribu Juda, Tempore hoc No-
uiſſimo creatorum.

Der

Löwe von Mitternacht

Mit ſeinen fürnembſten Wundern / als in einem
Spiegel vns allen fürgezeiget / zu die-
ſer letzten Zeit.

In welchem geoffenbaret wirdt / welches da ſey der rechte
vnd eigentliche wahrhafftige Löwe von Mitternacht / neben deſſelben
Erwehlten vnnd auß Gnaden zuvor verſehenen ſeinen Dienern / als auch
Löwen von Mitternacht / die ſie hierinnen bezeichnet ſeyn
an dem was von jhnen geweiſſaget
wirdt vnd iſt.

Zu Ehren dem Himmliſchen Löwen vom Geſchlecht Juda / welcher iſt
das Lamb / vnd zur Freude ſeinen Heyligen / welche ſind die Braut
deß Lambs / mit ſampt allen Gläubigen / als
jhren Jungfrawen.

Offentlich an den Tag gegeben / vnd allerdings verſtändiget
durch den Dienſtbefliſſenen
KAMMERDIENER deß Bräutigambs / der
Braut vnd jhrer Jungfrawen.

Im Wunder- vnd Jubel-Jahr der Heyligen deß Lambs / vnd ſeiner
Gläubigen / Nach-geruffen vnd Beruffenen.

Der HERR WIrD hrVLLen aVf Zion / Daß Ihrs höret /
Sehet / Hie iſt Er.

Comenius. Mas nem todos os milenaristas davam ganho de causa ao "rei de um inverno só". O governador Philippe Ziegler de Wurtzburg, que se fazia passar nas cidades como Basiléia, Franckfurt, Amsterdã e Londres como o rei de Jerusalém coroado pela graça de Deus, irmão rosa-cruz, comandante supremo, o anjo Miguel dos alemães, o rei e renovador do mundo inteiro, se considerava também como o Leão do Setentrião. Contudo, a maioria dos teósofos desta época, como Jacob Boehme, Paul Kaim e até mesmo o astrólogo milenarista Paul Nagel permaneceram convictos de que a tradição do Leão tirada do quarto livro (apócrifo) de Esdras tinha tratado unicamente da volta de Cristo. Segundo eles, não seria justo atribuir este papel a um homem. Um adepto desconhecido de Jacob Boehme imprimiu em 1622 um certo número de gravuras que interpretavam as profecias. Ele escolheu como título *"Visão ou olhar sobre a estréia corajosa do verdadeiro Leão do Setentrião"*. Mas estas ilustrações foram rapidamente desviadas em proveito da propaganda política. Depois da partilha do Palatinado entre a Espanha e a Baviera, e das vitórias dos exércitos de Tilly e Wallenstein na Alemanha do Norte, mesmo os mais fiéis partidários de Frederico tiveram de compreender que "o rei de um inverno só" não era o libertador esperado. Somente o astrônomo da Boêmia Siméon Partlicius ainda ousou falar do *"Leo redivivus" em sua Metamorphosis Mundii* em 1626, dedicada a Frederico.

O Leão do Setentrião e seus principais milagres revelados a nós todos como em um espelho (1625).

Agora, o Leão vem do Norte, de verdade

Quando a Suécia entrou na guerra, em 1630, não somente a chance mudou como também mudaram as publicações sobre o Leão do Setentrião. Ele se chamava agora Gustavo Adolfo e vinha do norte, de verdade. O fato de comparar o rei da Suécia ao Leão do Setentrião não parecia desagradar a este último. Desde que chegou na Alemanha, ele mandou cunhar uma medalha que trazia, de um lado, o seu retrato; de outro, um Leão coroado que carregava uma espada e a Bíblia.

No filete estava gravado:

"Do Setentrião eu venho,
e combater é minha alegria,
sempre velarei e honrarei
o Anjo divino".

Até os adeptos da ortodoxia deixam-se seduzir pelo Leão

Visto que Gustavo Adolfo tinha uma posição, não é nada espantoso que a pretensa profecia de Paracelso sobre o

Leão do Setentrião tenha sido impressa vinte vezes em menos de dois anos. Em uma compilação que trazia o título de *"Des Mitternechtigen Post Reuters dreifaches Passport"*, impressa cinco vezes em 1632, encontravam-se não somente esta predição mas também citações de Halsmayr, da *Fama*, da *Confessio Fraternitatis* e dos resumos de 120 outras predições que se supunha ter como tema o Leão ou pelo menos o rei triunfante da Suécia. O ano da publicação era mencionado pelo "cronograma": *Anno quo Leo SeptemtrIonIIs, VerItatIs VIndeX, Io triUMphat.*

Desta vez, até mesmo os luteranos mais ortodoxos da Alemanha ficaram inflamados com o entusiasmo geral pelo Leão. Pela maneira rigorosa com a qual foi executado o "Edito da restituição" de Ferdinando II, em 1629, nos países protestantes ocupados, todos perceberam o que se poderia esperar dos vencedores. Em um texto de 1631, foi dito: *"O Leão do Setentrião esfacelará e estraçalhará o orgulho de Babel... O Leão do Setentrião que despertará o Espírito divino, com seu poder e seu rugido assustará o Rei do Sul... o Leão do Setentrião que vem trazer a paz aos crentes com Deus e as armas dos cavaleiros"*.

Depois de 1630, o Leão do Setentrião é representado nos panfletos como o salvador das igrejas cristãs, o Leão que desembarcou na Alemanha para combater pela espada a Besta do Apocalipse de inúmeras cabeças. Contrariamente às esperanças milenaristas da propaganda em favor de Frederico, o Paladino, tratava-se dali para a frente da defesa armada da Reforma, mas era preciso, primeiro, que Gustavo Adolfo emplumasse a águia e provocasse o combate com os exércitos imperiais:

"Eu sou o Leão do Setentrião.
Convosco quero combater
com grande coragem,
pois eu faço combater
com o poder de Deus.
E Deus ampara os justos."

Vitória sobre a superioridade do inimigo

A vitória decisiva de Breitenfeld quebrou a supremacia dos exércitos católicos na Alemanha. *"O beco dos papas ao longo do Reno"* se abria diante de Gustavo Adolfo. O panfleto de Matheus Merian reeditado múltiplas vezes *"O beco dos papas" anuncia:*

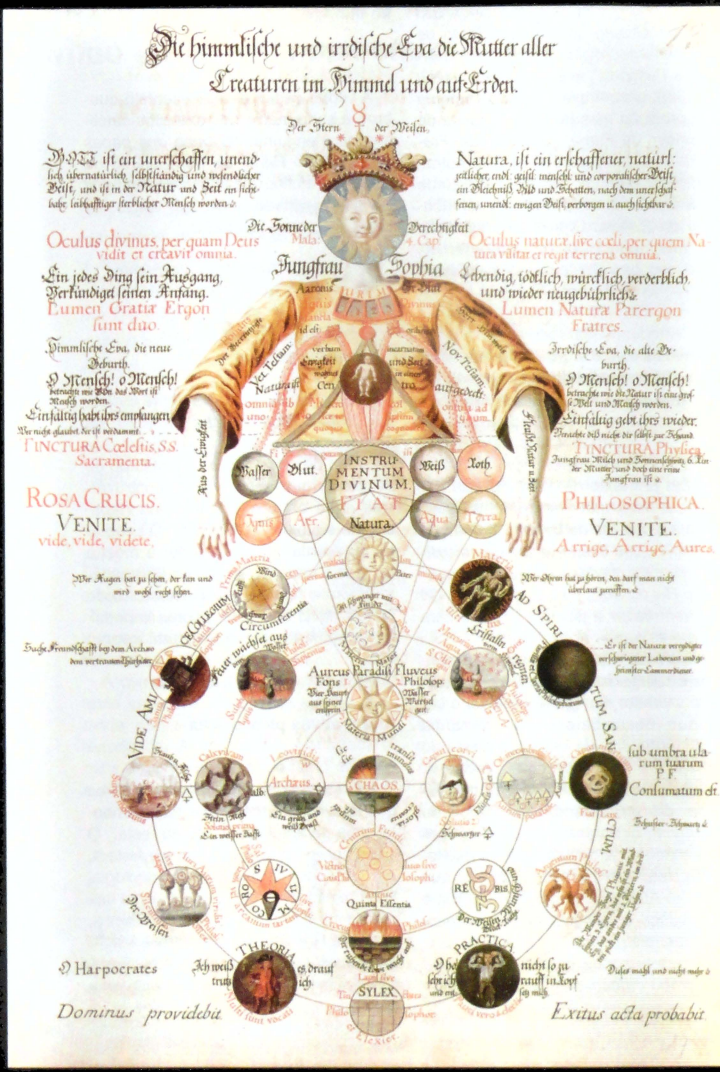
"O Leão do Setentrião finalmente
foi vingado e vos pôs em
fuga, povo de monges
empanturrados e satisfeitos
no beco dos papas"

Depois do panfleto ricamente ilustrado *Leones Triumphantes* de 1620, os propagandistas suecos reuniram um conjunto de prognósticos constituído de 30 cenas que descrevia as controvérsias entre o Leão, a águia dos Habsburgos e o papa, o Anticristo. O Leão aí se apresenta como vencedor e mestre de todo o Império Romano. Este panfleto ignora o fato de que Gustavo Adolfo jamais havia cobiçado a coroa imperial, contrariamente ao "rei de um inverno só".

Preparativos para a volta

Não faltavam, no entanto, autores que já tivessem preparado tecnicamente uma eventualidade como esta. O sábio calvinista Johann Heinrich Alstedt, em 1624, no *Tractatus de Chronologia*, tinha rejeitado a doutrina tradicional das quatro monarquias (Babilônia, Pérsia, Grécia e Roma), como já o havia feito o alquimista polonês Sendivogius. Ele o havia substituído por um novo esquema baseado em quatro regiões celestes: a monarquia oriental os assírios; a monarquia meridional dos persas e dos gregos; a monarquia ocidental da Igreja Romana; e, finalmente, a monarquia

Die himmlische und irrdische Eva die Mutter aller Creaturen im Himmel und auf Erden.



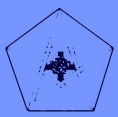
setentrional ou boreal que Deus logo erigiria na Europa do Norte através do Leão do Setentrião.

A morte prematura de Gustavo Adolfo no campo de batalha de Lützen, em 16 de novembro de 1632, anulou temporariamente toda esperança de realização deste milenarismo político. Entretanto, muito rapidamente foram surgindo novas profecias sobre o Leão, porém sem sucesso, pois não havia ninguém que pudesse corresponder ao símbolo. O Leão do Setentrião logo desapareceu da propaganda de guerra: uma guerra que durou ainda dezesseis longos e dolorosos anos antes de terminar, finalmente, com os tratados de Westfália, em 1648.

1 Milenarismo: doutrina segundo a qual Cristo virá à terra no fim do mundo, para aí reinar 1000 anos. (Cf. Apocalipse 20: 2-7)

2 "Leão do Setentrião" é uma expressão alegórica que se refere a uma profecia atribuída a Paracelso. Trata-se aqui, como também no quarto livro apócrifo de Esdras (capítulos 12 e 13), do Leão, futuro vencedor da águia. A águia designa a Casa dos Habsburgos, que tinha tomado o partido do Papa, o Anticristo. Durante a Guerra dos Trinta Anos, identificou-se o Leão do Setentrião com Frederico, o Paladino e com o rei Gustavo Adolfo, da Suécia.

A Eva celeste e terrestre, mãe de todas as criaturas do céu e da terra (Os Símbolos Secretos dos Rosa-Cruzes).



"Não vos propomos nenhuma idéia nova, nenhum tema novo para ser especulado, mas vos anunciamos uma nova fase do desenvolvimento da humanidade sobre a qual devemos refletir. [...] Trata-se, aqui, de um processo já iniciado e que diz respeito a nós todos."

(O Novo Chamado da Sétupla Fraternidade da Rosacruz Áurea, página 6)